

# TRÊS QUATRO

Jornal Laboratório Comunicação UFRGS  
abril de 1986

Poucos  
bixos  
na Biblio

Página Central



ANA LUIZA FREITAS

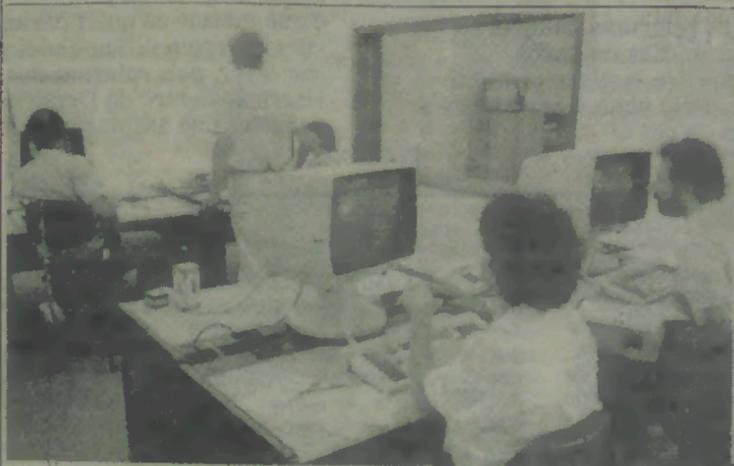


## Pacote do cruzado embrulha cruzeiro

*Governo ataca: desindexação, congelamento de preços*

Página 3

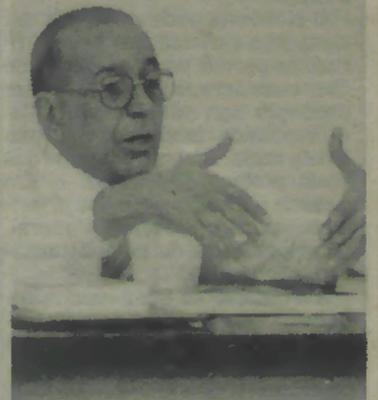
ENCARTE



ARQUIVO 3x4

Jornalista:  
sindicato  
elege  
diretoria

Página Central



Neste curso,  
professores  
são alunos

RBS e Gazeta lançam  
novos jornais no sul

Página Central

## Diplomas ameaçados

A sugestão da Comissão de Notáveis da Constituinte dispensando a exigência de diploma para o exercício da profissão de jornalista levantou a discussão em torno do assunto.

Da parte dos empresários veio a voz em uníssono vislumbrando com entusiasmo a possibilidade. Não faltou quem dissesse que para escrever basta ter o curso primário e vocação para a tarefa.

É claro que, além disso, viam a possibilidade de nivelar os salários por baixo pois a oferta de mão-de-obra aumentaria mais do que já aumenta a cada ano, com os formandos dos cursos de Comunicação. O espírito de classe também sairia muito prejudicado, pois a rotatividade nas redações seria tão grande que poucos teriam condições de criar uma consciência classista, o que evidentemente traria sérios prejuízos na luta por conquistas salariais e sociais.

Há que se analisar, isto sim, o conteúdo dos cursos de jornalismo que, se no entender dos notáveis não atendem às necessidades de formação de um bom profissional de imprensa, não podem ser desprezados, sob pena de acabarmos com todos os outros cursos que não atingem plenamente seus objetivos.

Na realidade, se o curso de jornalismo é deficiente, é preciso aperfeiçoá-lo e não eliminá-lo. E foi visando justamente a este aperfeiçoamento que o currículo sofreu profundas mudanças. Lentas, por certo, mas mudanças.

O fato de colocar o aluno, praticamente desde o início do curso, frente à prática com dois anos só de teoria, muitos abandonavam a faculdade pois não viam onde estava o jornalismo.

E a técnica jornalística também não é um dom com que se nasce. Todos temos inclinações e através delas decidimos se vamos estudar Engenharia, Medicina ou outra profissão qualquer. Com o jornalismo não é diferente. É preciso dominar sua técnica. É claro que não se sai pronto da faculdade para uma redação. É lá que vamos aprender, com a realidade crua dos fatos, a desempenhar verdadeiramente a função, mas isso não exclui o curso e por via de consequência o diploma, que é o que quer a comissão de notáveis.

## Irrigação

Há muitos anos que o Brasil espera um bom programa de irrigação. O Governo deu, agora, o primeiro passo nesta direção, com a criação de um programa de melhoramento de 185 mil hectares nos estados nordestinos.

O Programa de Irrigação do Nordeste pretende cobrir uma das regiões mais áridas do país, exatamente um milhão de hectares, com uma verba de 4,5 bilhões de dólares para ser gasta em cinco anos.

O Nordeste pode se tornar um novo pólo agrícola. Mas, como ficam as perdas do Rio Grande do Sul, considerado o primeiro em produção agrícola nacional? Esta realidade infelizmente já não existe mais. Afetado por uma das mais prolongadas secas, o Rio Grande não seria uma das prioridades para o Governo Federal, principalmente do novo Ministério da Irrigação?

A irrigação no Sul é uma realidade já pronta, com infraestrutura e custos menores do que o mesmo programa implantado no Nordeste. O Rio Grande é, tradicionalmente, um Estado agropastoril, mas hoje parece estar no esquecimento.

O deslocamento dos pólos industriais de todo país para o eixo central do Brasil já mostrou o grande erro do simples deslocamento das atenções e investimentos. Vamos repensar, mais uma vez, os caminhos da agricultura nacional. Desta vez, esperamos seriamente.

## O Caso Alex

O assassinato do menor Alex Thomas, em fevereiro, na Praia de Atlântida, pela chamada "Gang da Praça da Matriz", provou que a violência não é uma característica inerente aos marginalizados da sociedade.

A certeza de que a justiça não é a mesma para todas as classes sociais dá aos jovens mais abondados a segurança necessária para praticar a violência. Marcelo Almeida, por exemplo, ex-integrante da "turma da Matriz", lembra que "havia um espírito de união e era sempre um por todos e todos por um".

Marcelo, que atualmente estuda na PUC, acredita que os pais deveriam reprimir menos seus filhos, pois "o adolescente acaba buscando outras maneiras de extravazar". Segundo a psicóloga Cíntia Azambuja, ocorre o contrário: "os pais dos jovens ricos 'mimam' seus filhos dando-lhes muita liberdade".

"A grande experiência" vivida pelos companheiros de Marcelo não deve, desta vez, ter o mesmo final feliz que leva o estudante a afirmar que valeu a pena ter participado da turma da Matriz. O inspetor Paulo Flek, no entanto, afirma que esses meninos envolvidos no assassinato de Alex têm grandes possibilidades de mudar: "Agora que deu um bolo grande, enquanto ainda são jovens podem mudar suas cabeças".

MARIA LUIZA JUCOSKI BARBOSA



## Rebarbas

Ninguém nunca aprendeu, pelo menos nas cadeiras da Fabico, o que é um Portfolio de TV. Aconteceu que o professor Kleber pediu para baterem um edital igual ao que oferecia vagas para monitoria de fotografia. Ainda bem que as provas foram diferentes.

Infelizmente, o edital que anunciava que havia duas vagas para monitores de televisão estava errado. Mais uma vez o professor Kleber só terá um monitor para ajudá-lo nas cadeiras de TV. A surpresa não foi tão grande: não se podia confiar em um edital que dizia que os candidatos deveriam apresentar Portfóli.

Os formandos do quem-diria curso de Comunicação estão seriamente preocupados com o local da sua quem-diria formatura.

Ocorre que o Salão de Atos da Reitoria está fechado para reformas e só deve ser liberado em meados de outubro, e os demais salões da Universidade possuem uma capacidade máxima de 200 lugares.

Tomando-se por base que no semestre passado os 31 formandos proporcionaram um monumental amontoamento no Salão da Economia (um dos maiores disponíveis) e que agora o número de formandos deve ser maior, chega-se à conclusão de que a situação é, no mínimo, complicada. Já se fala em boicote a alunos de família grande e em venda de lugares numerados.

É simples: você pega uma máquina fotográfica com uma objetiva de 250 mm para cima ou uma 35 mm e uma luneta e fala com o fotogênico professor Wallace. Se ele piscar, piscar, piscar você está convidado para bater Halleyfotos do cometa.

Embalado com as reformas no laboratório fotográfico e a promessa de novos ampliadores, o mestre Wallace promete agitar neste ano. Pelo visto, nem o céu é o limite...

## TRES QUATRO

Jornal-Laboratório dos alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Primeira edição do primeiro semestre de 1986, elaborada pelas turmas das disciplinas de Produção e Difusão de Jornalismo Gráfico e Projeto Experimental V, sob a coordenação dos professores Aníbal Bendatti, Pedro Maciel e Sérgio Caparelli.

Participam da edição do mês

de abril: Adrian Alexandri, Ana Luiza Freitas, Ângelo Ribeiro, Arthur Sá e Souza, Elton Berbigier, Enoi Dagó Liedke, Jacqueline Chala, Karla Müller, Kátia Rocha, Laura Seligman, Léo Gerchamann, Lúcio Flávio Haeser, Luiz Antônio Neis, Luis Henrique Fontoura, Márcia R. Gomes, Maria Beatriz Andrade, Maria Luiza J. Barbosa, Mônica Izaguirre, Ronaldo Nunes, Silvanete de Assis, Suzana Naiditch e Thais Lopes, (Textos); Adrian, Ana Luiza, Laura, Ronaldo, Suzana e Thais

(Conselho Editorial); Ana Luiza Freitas (Fotografia); Maria Luiza Barbosa (Ilustrações); Chefe do Departamento de Comunicação: Vera Ferreira. Diretoria da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Lourdes Gregori Fagundes. Cartas, opiniões e colaborações devem ser dirigidas à Redação do Jornal Três Por Quatro, rua Jacinto Gomes, 540. Porto Alegre-RS

Impresso na Zero Hora Editora Jornalística S/A.

## Fiscalização do Pacote dá credibilidade ao governo

O pacote econômico decretado no fim do mês de fevereiro trouxe certos benefícios para dois órgãos públicos do Brasil, cuja cotação estava quase sempre em baixa. Um é a SUNAB, pelo descrédito popular. Outro é o Departamento de Polícia Federal, que exceto os aplausos pelas investigações do delegado Romeu Tuma, atual diretor-geral do órgão, era reconhecido como símbolo de repressão aos tóxicos e como proibidor de filmes.

Para o Agente da Polícia Federal, Valacir Marques Gonçalves, o que aconteceu é que as pessoas tinham a certeza que o País se encaminhava para um ponto sem volta. Agora, tornaram-se quase como que "agentes de uma vindica". Isto é: exigem em nome de lei, como fiscais do Presidente. Dessa forma, a polícia é vista como a executora das determinações do povo. A repressão exercida sobre os preços vai ao encontro de seus anseios.

Segundo Valacir Gonçalves, os denunciantes "procuram ressaltar a sua situação de fiscais. São exigentes e até intransigentes, não aceitando qualquer argumentação. Desejam a punição dos denunciados".

Para Carlos José Martins, Monitor Postal de Operações, da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, papel de fiscalizador por parte da população é o resultado dos 21 anos de mutismo forçado. "Não havia o direito de reclamar. Hoje, pelo que se pode ver, o povo está dando crédito ao Governo e acredito que isso não esmorecerá". Carlos José Martins afirma também que ainda não houve necessidade dele reclamar do preço de alguma coisa, mas tem dúvidas sobre questão salarial.

### PERDA SALARIAL

Conforme Carlos Martins, com a mudança na política monetária, ele teria a perda de 105% do IPCA no mês de março, mais quatro por cento de produtividade e oito por cento que a Empresa havia prometido. "Creio que por maior que fosse a inflação, nosso salário seria melhor, porque o congelamento não foi nivelado por cima, mas com base na média dos últimos seis meses", diz Carlos.

## Reforma Tributária beneficia estradas

Com a implantação de uma nova mini-reforma tributária, a situação das rodovias no Estado pode melhorar. Os recursos previstos para o ano de 1986 devem ser engrossados por um valor real. Com este fato novo, o endividamento crescente do Estado pode ser renegociado e, talvez, até cessar.

O Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem vem contando com recursos não muito seguros, mas que estão conseguindo executar uma boa parte dos projetos. A principal fonte de contribuição é o próprio Estado em operações de crédito que, nos últimos quatro anos, estão endividando o órgão e se limitando ao setor de investimentos. Existe ainda uma pequena parcela vinda do Fundo Rodoviário Nacional, que a partir de 1979 caiu de 40 para quatro por cento na sua contribuição. Fazendo um paralelo, enquanto o FRN destinou, em 1986, 58 milhões de cruzados para o DAER, só para novas obras o Estado destinou 900 milhões.

A principal dificuldade de administrar estes recursos escassos é a definição dos critérios de distribuição por regiões. Segundo o diretor-geral do DAER, Elton Segnanfredo, o Departamento possui dez trilhões de cruzeiros em patrimônio a ser preservado. Enquanto isto, diversas regiões, principalmente as rurais, precisam de estradas que li-

guem as sedes dos municípios e as zonas de escoamento de matéria-prima. "A atitude certa — segundo Segnanfredo — seria realizar um profundo estudo quanto às vantagens econômicas, necessidades sociais e políticas de cada um destes projetos. Na construção de estradas vicinais isto já está em andamento".

Quanto à atuação da polícia, Carlos disse que a visão que ele tinha anteriormente já era favorável e agora não houve modificação. Ezilda Maria de Carvalho Monteiro, funcionária administrativa do Departamento de Polícia Federal, teve uma experiência nova, pois devido ao grande número de reclamações, viu-se escalada para trabalhar num posto do DPF situado nas Lojas Renner da rua Otávio Rocha. Ela diz: "Nós trabalhamos muito nessa fase. Todos os servidores burocratas que não estavam em férias foram convidados a trabalhar inclusive nos finais de semana".

### MUITO SERVIÇO

Segundo Ezilda Maria, o serviço interno redobrou pois além de estarem atendendo às denúncias, o expediente normal tem que continuar. "A colaboração de todos foi e continua sendo fundamental", afirma Ezilda Monteiro.

E as expectativas quanto à deflação? Para o policial Valacir Gonçalves, ainda é cedo para avaliar o resultado das medidas econômicas. Ele diz: "Nesses primeiros dias parece que a situação está melhorando. Entretanto, na Argentina, em Israel e no Chile não deu certo. Na Argentina já está dando sinais inquietadores. Certas mercadorias desapareceram das prateleiras e certas categorias profissionais não respeitam o tabelamento, mas no Brasil temos esperanças que o plano funcione".

Carlos Martins espera que com o congelamento os preços dos produtos decresçam, projetando o salário para um nível superior. Carlos afirma: "Isto só o tempo vai dizer".

Juçara Carneiro Rodrigues é dona de casa e diz que todos os dias vai ao supermercado e tem observado os preços que se mantêm estáveis. "Não tenho feito rancho", diz Juçara, "mas espero e confio que essas mudanças sejam duradouras. Desejo que o meu poder aquisitivo cresça e estarei conferindo os preços diariamente. Essa é a minha contribuição".

SILVANETE DE ASSIS SILVA

### Repasso Federal

Além dos recursos do Estado e do FRN, o DAER conta com uma parte das verbas vindas da arrecadação do Imposto sobre Propriedade de Veículos; do Imposto sobre Transporte Rodoviário e mais uma quantia insignificante vinda de multas de trânsito. Além do pequeno repasse Federal do FRN, o BNDES se responsabiliza pelo financiamento das rodovias federais e contribui, junto com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, nas zonas rurais.

O BNDES que tem para 1986 projetos para ligações de mais de dez municípios, além de pontes sobre o Rio Uruguai, reserva os seus recursos para as outras áreas de transporte, como a Rede Ferroviária Federal, a área de transportes urbanos e a PORTOBRÁS, onde se iniciam projetos de melhoramento da navegação interior.

Laura Seligman

## Nova República troca monetarismo por congelamento de preços, desindexação e reforma monetária



ANA LUIZA FREITAS

# Choque Econômico do Governo zera a inflação

Na década de setenta começaram a surgir, entre alguns economistas brasileiros, idéias que compõem hoje o pacote econômico de 28 de fevereiro. Essência de uma teoria conhecida como heterodoxa, elas opõem-se frontalmente a outra, conservadora, chamada monetarista, e aplicada no Brasil nos últimos 20 anos. Os monetaristas defendem uma política econômica de corte nos gastos públicos, aumento de impostos, aumento da taxa de juros, que, segundo os heterodoxos, têm efeito maior sobre o desemprego do que sobre a inflação.

Em 1972, o professor Francisco Lafaete Lopes aceitou o convite de seu ex-professor, Mário Henrique Simonsen, para compor a equipe do Instituto de Pós-graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. Se tornou evidente a incompatibilidade das idéias de Lopes com as dos monetaristas da FGV, entre eles, Carlos Geraldo Langoni e Antonio Carlos Lemgruber. Lopes saiu, mas levou consigo Dionísio Dias Carneiro e Rogério Werneck, fundando, com eles, o Departamento de Economia da PUC do Rio de Janeiro. Ali se desenvolveu a idéia do "fator inércia", isto é, a capacidade que tem a inflação de se alimentar do índice do mês anterior, na expectativa de que ele cresça, num ritmo de bola de neve.

### GOLPE NA ORTODOXIA

O professor Lopes e seus seguidores desenvolveram estudos com rumos diferentes daqueles tradicionalmente utilizados pelos monetaristas (e pelos estruturalistas), para quem sempre se cresce, nada se pára, e tudo se investe.

Pouco depois da formação do grupo de Lopes, um encontro na Massachusetts Institute of Technology — MIT, nos Estados Unidos, reuniu figuras que se tornariam populares pela elaboração da reforma econômica brasileira. André Lara Resende, hoje diretor da Dívida Pública do Banco Central, e ex-aluno de Lopes, os economistas Eduardo Modiano, autor da proposta de reajustes salariais pela média, e Pêrsio Arida, o consultor especial do ministro Sayad — todos concluindo cursos de pós-graduação Arida, Modiano e Lara Resende defendiam as teses de que o mal era a inflação. Nas proximidades, como pesquisador convidado em Harvard, estava Edmar Bacha, atual presidente da Fundação IBGE, levando suas pesquisas no mesmo caminho dos outros três economistas. Bacha foi convidado por Lopes para integrar o Departamento de Economia da PUC, Lara Resende trouxe Modiano e Arida.

### A CONQUISTA DE SARNEY

Tancredo Neves não era favorável a uma reforma econômica nos moldes dos heterodoxos, já que seu secretário era Francisco Dornelles, discípulo de Delfim, e que não queria "nem pensar" no assunto.

Mas João Sayad, então secretário do governo Montoro, começou a interessar-se pela proposta dos heterodoxos, de desindexar a economia. Com a morte de Tancredo, Sayad convenceu Sarney a fazer a desindexação, mas este recebeu um não do ortodoxo Dornelles, e não se falou mais no assunto.

Quando Funaro assumiu o Ministério da Fazenda, Sayad voltou à carga e o Presidente concordou novamente com o combate de choque à inflação. Pêrsio Arida e André Lara Resende foram indicados para estudar o plano de estabilização econômica de Israel. A seguir, um grupo de técnicos do Ministério da Fazenda, Banco Central e Secretaria do Planejamento passou a estudar a desindexação da economia. Luiz Gonzaga Belluzzo, secretário de assuntos econômicos do Ministério da Fazenda, André Lara Resende, Andréa Calabi, secretário-geral da Sepian, Pêrsio Arida, Edmar Bacha, Luiz Carlos Mendonça de Barros, diretor da Área de Mercados do Banco Central, e João Manoel Cardoso de Mello, assessor especial do Ministério da Fazenda, todos oriundos da Unicamp e PUC do Rio de Janeiro e, principalmente, com tradição peemedebista.

### SEM SAÍDA

Em dezembro de 85, Sarney pediu ao grupo que os estudos fossem acelerados e detalhados, já de olho na solução peemedebista para deter a inflação galopante. A questão do governo era "ou eu ou ela". As reuniões iniciais delinearam os primeiros passos da reforma, e a medida que os trabalhos avançavam, surgiam questões mais delicadas, e o ministro Funaro mantinha-se informado.

Em reunião do grupo no Planalto, o Presidente pediu que se fizesse exposição e debate do programa. Pêrsio Arida fez a exposição, e o Presidente, então, decidiu-se pelo seguro social, projeto antigo do ministro Almir Pazzianotto, e pelo nome da nova moeda, o cruzado, proposta pelo professor Francisco Lopes.

Algumas das idéias do Pacote constavam do programa do PMDB, como a desindexação, congelamento de preços e salário-desemprego.

Não havia mais como evitar o choque econômico já adiado uma vez devido à forte seca que inviabilizou sua aplicação. Sarney fez sua opção como única saída contra a ameaça de uma inflação de 25 por cento em março e 500 por cento em um ano — significando sua derrota política. Deu certo para o governo. O povo, por enquanto, se embriaga da esperança.

MARIA BEATRIZ MANTOVANI ANDRADE

# Maurício Sirotsky: a Rede Brasil Sul perde seu fundador

O antigo locutor de alto-falantes e atual dono da poderosa RBS morre em Porto Alegre, aos 60 anos

Ele sabia que liberdade é a condição essencial, imprescindível para a existência de uma imprensa comprometida com a verdade. Mas tinha sempre presente a certeza de que vivia numa época difícil, em um tempo nada favorável ao desenvolvimento de uma imprensa sem amarras. Por isso, deu às suas empresas a grandeza ética para que se orientassem sob a égide do pluralismo democrático, que entende a controvérsia como o legítimo exercício de busca da verdade.

Foi assim que Maurício Sirotsky Sobrinho criou seu império, a Rede Brasil Sul de Comunicações — RBS. E é esse o legado do homem de comunicação que se projetou a partir do Sul para o País inteiro. Maurício morreu, mas as suas posições e seus compromissos continuam fazendo parte de sua obra.

Nascido em cinco de junho de 1925, em Erebang, nas proximidades de Passo Fundo, iniciou lá mesmo sua vida profissional, como locutor de um serviço de alto-falantes. Em 1944, já em Porto Alegre, foi locutor da Rádio Gaúcha. No ano seguinte, voltou para Passo Fundo como gerente de uma rádio pertencente às Emissoras Reunidas.

Em 1949, de volta a Porto Alegre começou a fazer carreira na área das comunicações em rádio, publicidade, televisão e jornal.

## A CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO

Em 1957, Maurício adquiriu e assumiu a direção da Rádio Gaúcha e apenas cinco anos depois fundou a Televisão Gaúcha. Foi a partir desses dois veículos que ele construiu todo o complexo da Rede Brasil Sul que, em 1970, ganhou o jornal Zero Hora.

Hoje a RBS possui 11 canais de rádio FM, cinco AM, 14 emissoras de televisão, o jornal Zero Hora e o Diário Catarinense que está sendo implantado em Florianópolis. As emissoras de rádio estão distribuídas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Brasília e as de televisão, aqui no Estado e em Santa Catarina.

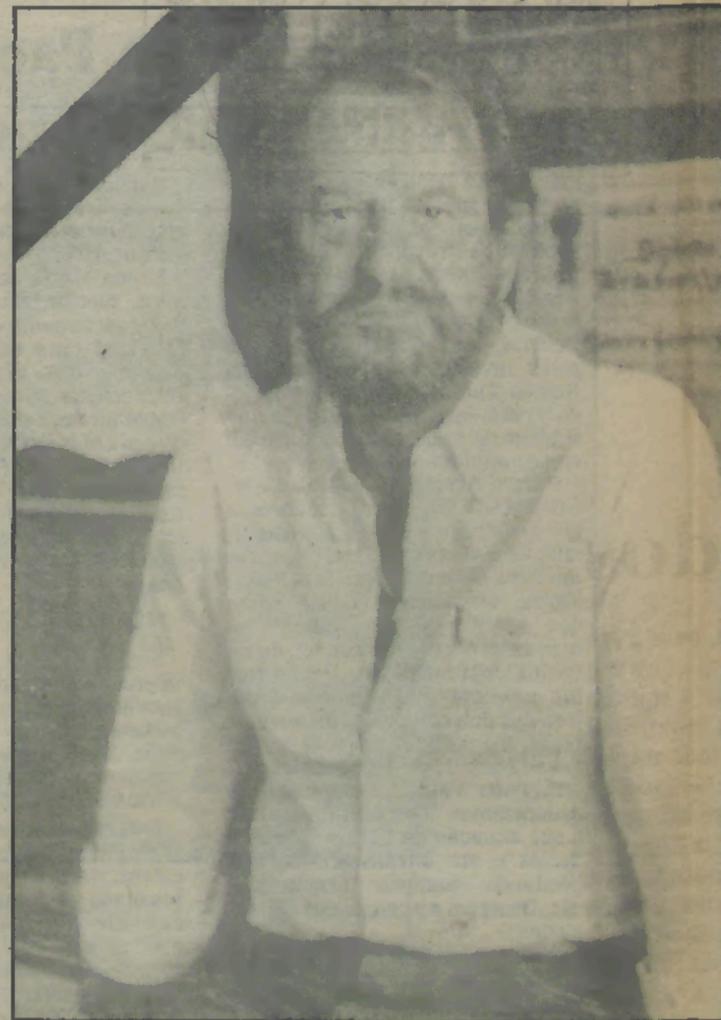
Maurício Sobrinho apostou na tecnologia como fator de desenvolvimento de

suas empresas. O jornal Zero Hora foi um dos pioneiros na utilização do sistema de fotocomposição, e o Diário Catarinense, que começa a circular em maio, utiliza terminais de vídeo na redação, ao invés de máquinas-de-escrever.

Grande empresário, Sirotsky soube fazer crescer o grupo que criou. E a projeção que conseguiu a nível nacional, lhe proporcionou vários cargos de direção em associações regionais e nacionais ligadas aos meios de comunicação. Atualmente era presidente da Associação Nacional de Jornais e também do Conselho Superior de Ética da ABERT.

## AÇÃO SOCIAL

O Diretor-Presidente da RBS também encontrou tempo para apoiar empreendimentos de caráter social e educativo, criando creches, escolas e programas, como o "Geração 21", destinados a oferecer oportunidade de estudo,



Maurício Sirotsky, presidente da RBS

desenvolvimento e aperfeiçoamento de jovens sem recurso. Por seu apoio aos menores carentes, foi escolhido para integrar o Conselho da Legião Brasileira de Assistência.

Cidadão Honorário de Porto Alegre e de outras cidades gaúchas, Sirotsky recebeu vários prêmios por sua atuação nas áreas social e de comunicação.

Ele faleceu na madrugada de 30 de março, vítima de aneurisma agudo, no Instituto de Cardiologia. Deixou mulher, quatro filhos e seu enterro, no Cemitério da Raelita, milhares de pessoas e o último adeus.

SUZANA M

## RBS e Gazeta Mercantil lançam dois novos jornais em maio

No dia 1º de maio será lançado em Santa Catarina o Diário Catarinense, e novo jornal da RBS. Utilizando a mais moderna tecnologia do País, o Diário contará com sedes de redação em Florianópolis, Joinville, Lages, Criciúma, Blumenau e Chapecó.

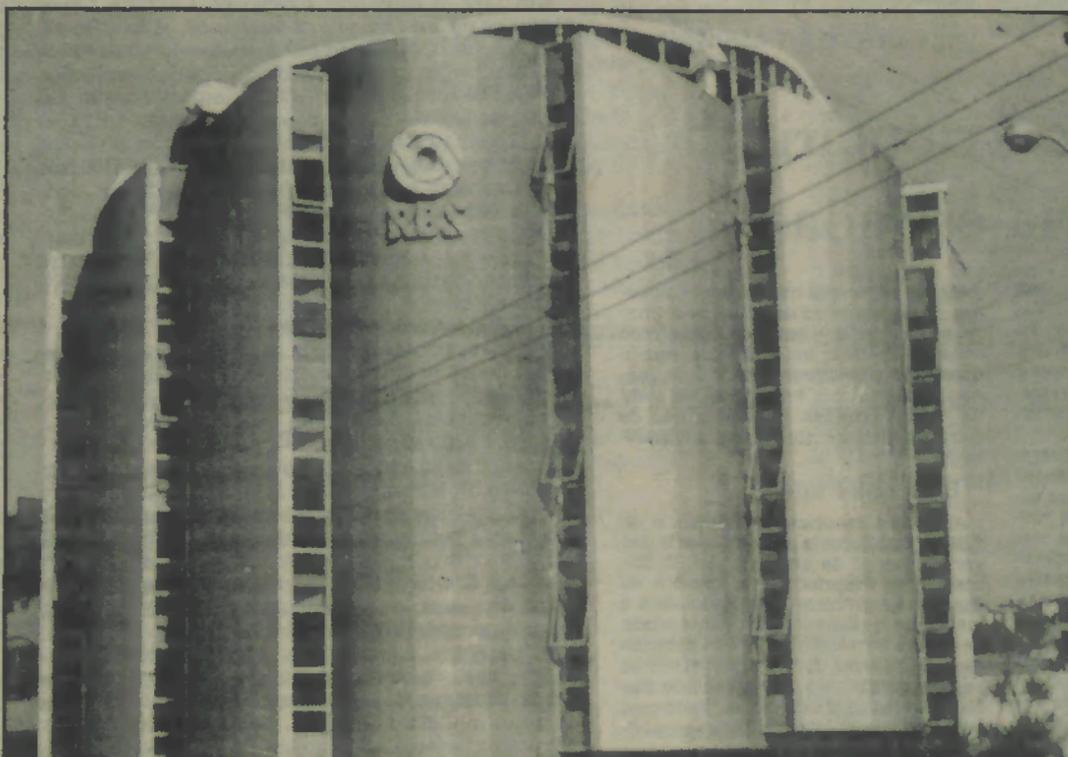
O lançamento do jornal ocorrerá quase dois anos após a formação de seu comitê de implantação, que pesquisou o mercado, determinando hábitos de leitura e costumes dos catarinenses. A partir disso, a RBS decidiu pelo lançamento de um jornal que não discriminasse o interior em relação à capital. Para isso foi indispensável a substituição das máquinas de escrever pelos terminais de vídeo nas redações, agilizando todo o processo de composição e impressão.

Com circulação durante os sete dias da semana, o Diário Catarinense terá formato tabloide, decorrência do êxito de Zero Hora, e contará aos domingos, com suplementos de TV e quadrinhos, "importados" de O Globo. O caderno de classificados circulará aos domingos e às segundas, quando a tiragem poderá passar dos 30.000 exemplares diários previstos. O jornal, além da venda em bancas e por jornaleiros, terá entrega domiciliar.

Já presente em Santa Catarina com seis emissoras de rádio e quatro de televisão, que emprega mais de 600 pessoas, a RBS através do Diário passará a contar com mais 350 funcionários, distribuídos nas sedes de redação, nas sucursais e nas cidades onde existirão correspondentes. Entre vários gaúchos com cargos de chefia no novo jornal está Armando Burd, jornalista desde 1965 e ex-professor da Faculdade de Comunicação da UFRGS.

### Gazeta contra-ataca

Ao mesmo tempo em que tenta a expansão, a RBS vê seu monopólio no Estado ser ameaçado



Sede do Diário em Florianópolis

por uma empresa do centro do país. A Gazeta Mercantil prepara para breve o lançamento do Diário do Sul. Apesar dos diretores da Gazeta afirmarem que o jornal não passa de projetos iniciais, vários profissionais já foram contratados, entre eles Tabajara Ruas, Paulo de Tarso Ricordi e Ailton Kanitz. Além disso, era objetivo da empresa fazer coincidir o lançamento do Diário com o jornal da RBS em 24 de março. No fim, nenhum deles conseguiu ir às bancas na data prevista.

O nome Diário do Sul surgiu após a constatação de que vários outros possíveis títulos estavam registrados pela RBS. O novo jornal, com formato standard, suspende o suplemento sul da Gazeta Mercantil e provavelmente se tornará um veículo muito procurado pelos profissionais de jornalismo do Estado. E os diretores do novo jornal prometem que seus redatores serão mais bem remunerados do que os redatores e até mesmo editores de Zero Hora.

## Apesar de mudar permanece no "Estilo Guaíba"

Fundada em 30 de abril de 1957, a RBS teve firmadas as suas regras básicas na inauguração do diretor Arlindo Paes no Teatro São Pedro. Ao completar 29 anos, a Guaíba continua defendendo os "princípios" e o imperativo do bem comum, sem na vulgaridade, fazendo uma rádio de não ofendendo o ouvinte e também não "jingles". Tendo em vista o sucesso desta também em virtude da crise financeira da Empresa Jornalística Caldas Júnior, encontra seguidores, é o caso da Rádio Ipiranga, contratou grande parte dos funcionários da Rádio Guaíba, há dois anos, e conseguiu com isso procurar imprimir o "estilo Guaíba".

Na Rádio Guaíba o que mudou foi a emissora continua sendo uma sociedade encabeçada pelo empresário Bruno Caldas, maioria das ações. Como credores de salários, fundo de garantia por tempo de serviço e imposto de renda, os funcionários da rádio correram à Justiça através de uma medida chamada "usufruto administrativo". O sumário a administração da rádio atraiu o administrador judicial, o empresário Demóstenes Martins Pinto.

Como diretores executivos a Rádio Guaíba tem Lasier Martins na direção operacional, Glauco Giani como diretor comercial, Homer de Souza na direção técnica e como diretor financeiro, Ivan de Souza.

A crise da Guaíba fez com que pela primeira vez ela tenha que dividir o comando de um programa tradicional como a Copa do Mundo. No México a Guaíba se uniu à Rádio Clube de São Paulo. De outra forma, segundo Lasier Martins, haveria possibilidade da Guaíba transmitir o evento, atingindo um terço de todo território nacional.

Ainda durante a Copa do México, a Guaíba por cento de sua programação voltada para o Brasil, explorando o "filão jornalístico" extra-campo, já levado ao ar durante a Copa do Mundo.

LUIZ ANTONIO

# Situação vence as eleições no Sindicato dos Jornalistas

A chapa um, Alternativa e Democracia, da situação, ganhou as eleições do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul realizadas em março. No entanto a chapa dois, Democratização, entrou com processo administrativo na Delegacia Regional do Trabalho devido a supostas irregularidades no segundo turno.

No primeiro turno, realizado de 12 a 14 de março, a chapa um, encabeçada por Vera Spolidoro, venceu por 484 votos contra 284 dados à chapa dois, liderada por Pedro Maciel. No segundo turno, que aconteceu de 18 a 20, a chapa um manteve o mesmo número de votos, tendo a chapa dois reduzido para 160. Foram ainda apresentados 21 votos brancos e nulos.

Segundo Pedro Maciel, a DRT constatou que na mesa um, localizada na sede do Sindicato, havia apenas uma pessoa na mesa que não estava designada pelo Sindicato, o que, para ele, "anula toda a eleição". Mas, apesar de tentativa de impugnação, a nova diretoria deve tomar posse na segunda quinzena de abril.

## SINDICATO E ESTUDANTES

"A relação entre o sindicato dos jornalistas e as faculdades de comunicação deve ser ampliada e incrementada", diz Vera Spolidoro. Ela cita os Cadernos de Jornalismo, editados na década de 70, como um fator de muita aproximação entre esses dois setores. "Muitos dos alunos que trabalharam nos Cadernos de Jornalismo, hoje estão na diretoria do sindicato". Quanto ao estágio Vera diz que, enquanto eles não foram distorcidos, eram uma coisa muito boa. O problema, segundo ela, é que as redações passaram a ser ocupadas permanentemente por estagiários. "O que deveria ser feito é a regulamentação do estágio com o aluno tendo acompanhamento e direito ao piso salarial". Ela enfatiza que deve haver uma discussão a nível nacional para a volta do estágio. "São Paulo defende a volta dos estágios e esta é uma questão que está voltando. Acho que é uma porta de acesso muito grande".

Segundo Vera, os problemas maiores de exploração do estagiário, como falta de proporcionalidade entre o número de funcionários efetivos e alunos, falta de acompanhamento de profissionais e professores, ausência de qualquer direito trabalhista como PIS, férias proporcionais, deveriam ser regulados.

## DIPLOMA

Para Vera Spolidoro, a questão da Comissão de Notáveis da Constituinte de que não seja mais exigido



Vera: a favor da democracia sindical

do diploma para exercer a profissão "não passa de uma cortina de fumaça para tirar nossa atenção de uma questão muito mais importante que é o piso salarial de seis salários mínimos".

Como o projeto já foi aprovado na Câmara, isto causa muita preocupação nos empresários, "apesar de o projeto prever o escalonamento conforme a população da cidade em que atua o profissional". Para ela esta sugestão não tem sentido, a não ser que se discutam todos os diplomas de todas as profissões. E, além disso, "esta matéria só poderia ser aprovada através de um projeto examinado pelo Congresso. Mas para isso a gente tem formas de pressão e de luta para evitar que seja aprovado".

## NEGOCIAÇÃO SALARIAL

Na negociação salarial Vera acha que vai ser muito difícil conquistar alguma coisa além do que o

pacote determina porque as pessoas estão muito otimistas, achando que ele vai melhorar a vida de todo mundo. "Para mim isto é um grande engodo, pois o governo partiu do pressuposto de que salário é inflacionário". O que, não é verdade, como diz Vera, pois como os próprios empresários admitem, o custo da mão-de-obra nos custos industriais não passa de 15%. A diferença do antigo INPC, que seria para os salários de março de 105%, com o atual decreto, que fixa o reajuste em 62%, causariam para os empresários em seus custos industriais apenas 4% a mais, afirma ela, apoiada em dados de Aloisio Biondi.

Vera acredita que só com a categoria unida é que se poderá chegar a conquistas mais significativas. "Nós só vamos ter bases para discutir com os patrões se formos uma categoria buscando o mesmo objetivo".

LÚCIO FLÁVIO HAESER

# Baixa aprovação na Biblioteconomia

No romance "O Nome da Rosa", de Umberto Eco, uma das personagens de maior importância é representado pela figura de um bibliotecário. Reflexo da situação da época, cabia-lhe o prestígio vindo de seu poder de domínio da informação e da cultura. Ao contrário, porém, do período em que se passa a história do escritor italiano — pelos Idos da Idade Média —, a profissão de bibliotecário foi perdendo seu status e interesse no decorrer do tempo. Neste ano, por exemplo, apenas sete alunos ingressaram no Curso de Biblioteconomia da UFRGS — o único de Porto Alegre e 60 vagas ficaram desocupadas.

Na verdade, as 67 vagas designadas pela Comissão de Carreira do curso aos egressos do vestibular contaram com 159 candidatos, que o novo sistema de seleção do concurso, em duas etapas, se encarregou de reduzir a sete. O baixo índice de aprovação, já verificado em menor escala de dois anos para cá, desta vez, surpreendeu os professores da faculdade e preocupou a COPERSO — Comissão Permanente de Seleção e Orientação —, o órgão responsável pela aplicação das provas dos vestibular e da interpretação estatística dos resultados.

## CURSINHO WALITA

Josino Téssis, coordenador da comissão de vestibular, explica que das 67 vagas disponíveis, 34 deveriam ser distribuídas para o primeiro semestre e o restante para o segundo. No entanto, uma vez que o número de vagas oferecido não foi ocupado, pois os candidatos não conseguiram alcançar a contagem de pontos obrigatória, um outro vestibular se realizará em julho.

Segundo o coordenador da COPERSO, a comissão acredita por filosofia que não lhe compete intervir nas etapas anteriores à prova do vestibular, ou seja, analisar se o ensino do segundo grau não é satisfatório, ou se os alunos estão desabitoados a este tipo de teste. Josino, por sua vez, admite que a imagem do curso de Biblioteconomia fora da universidade é negativa. "Todos os cursos da universidade são de nível superior. Não existe a idéia desfoçada que alguns têm de que certos cursos são superiores a ou-



Josino Téssis, coordenador da Coperso: "Imagem do curso é negativa"

tros", completa. "Muitos ainda acreditam que a Biblioteconomia, assim como a Enfermagem, sejam do tipo 'Cursinho Walita', em que as moças ingressam apenas na intenção de casar, achatando a impressão de um curso que é responsável, por exemplo, pela área de microfilmagem, já que não temos mais espaços para guardar todos os nossos papéis", avalia ele.

A professora Iara Conceição Neves, responsável pela pós-graduação de Biblioteconomia da UFRGS acredita que para se entender as causas da pouca projeção de que o curso vem gradativamente desfrutando, devem-se buscá-las na própria estrutura social em que nem mesmo o homem é valorizado. Agravando o problema, o mercado de trabalho também conta com profissionais não graduados em biblioteconomia.

Na opinião da professora Iara, para alterar esta situação, seria necessário que os profissionais de relações públicas realizassem um trabalho de divulgação das áreas de alcance da biblió e do mercado de trabalho, juntamente com uma reavaliação do curso, a ser pensada pelos professores.

## PILHA DE LIVROS VELHOS

A Chefe do Departamento de Biblioteconomia da UFRGS, professora Inês Rosito Pinto Kruei, considera pouco explorada a área de atuação do bibliote-

cário e esclarece que as bolsas de estágio oferecidas pela PRUNI chegam a sobrar, devido à sua baixa remuneração, pois o estagiário da biblió é um dos mais bem pagos e têm possibilidade de escolher as condições de trabalho desejadas. A oferta do mercado é maior que a demanda.

A perda de posição do bibliotecário em face aos demais profissionais é analisada pela professora Inês Kruei através das circunstâncias políticas. "Nestes vinte anos, o bibliotecário foi minimizado, tal qual o jornalista, por manipular a informação. E assim os alunos do curso foram dispersos e despolitizados. A força do grupo ainda não se recuperou até agora".

Itália Falceta da Silveira, professora de biblió na UFRGS e de uma disciplina da área na UNISINOS, julga o número de calouros da faculdade como sintoma de um problema de classe, pois se o público quer ler, compete ao bibliotecário oferecer-lhe o que está buscando. Entravado na austeridade da técnica, o profissional pode pôr a perder o usuário em potencial. E conclui: "Enquanto não mostrarmos serviços bibliotecários, não seremos reconhecidos pelo povo. Se somos frutos de uma crise, precisamos nos recuperar, provando que a biblióteca não se resume a uma pilha de livros velhos".

ANA LUIZA FREITAS

madrugada de 25 de aneurisma dissecante de Cardiologia. Deiro filhos e 11 netos. No emitério da União Is-de pessoas foram dar

UZANA NAIDITCH

udanças no ar uaíba"

1957, a Rádio Guaíba básicas na mensagem rindo Pasqualini, no 29 anos a Rádio os "princípios da mo-num, sem jamais cair rádio de bom gosto, mbém não irradiando ncesso deste padrão e financeira vivida pela Júnior, a Guaíba já da Rádio Pampa, que ncionários da direção, e conseqüentemente "estilo Guaíba". andou foi a direção. A sociedade anônima, Breno Caldas, com ores de salários atra-empo de serviço, Inps nários da Guaíba re-uma medida judicial "ativo". Com isso as-rádio através de um presário e advogado

a Rádio Guaíba tem: operacional, Roberto al, Homero Simon na financeiro Isidro Pi-

que pela primeira vez do de uma transmis-Mundo. Para operar Rádio Clube do Para-Lasler Martins, não alba transmitir este todo território nacio-

xico, a Guaíba terá 50 voltada para o espor-alístico" do mundo durante a Copa da Es-

IZ ANTONIO NEIS

**CURSO DE  
APERFEIÇOAMENTO  
PARA PROFESSORES  
DE JORNALISMO**



# Professores discutem jornalismo

Leia neste encarte que acompanha a edição de abril do Três Por Quatro:

- \* A atualidade do Jornalismo Brasileiro
- \* Pesquisa em Jornalismo e seus Projetos Experimentais
- \* Legislação de Imprensa
- \* Marketing Jornalístico
- \* Novas Tecnologias em Comunicação
- \* Jornalismo Econômico
- \* Jornal nas Escolas

Durante dez dias, estiveram reunidos na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, cerca de 30 professores de Jornalismo do Estado, do Uruguai, do Paraguai e da Argentina. Eles participaram do Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo, coordenado pela Associação Nacional de Jornais — ANJ, Associação Brasileira de Escolas de Comunicação — ABECOM —, e Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC — FAMECOS.

O objetivo desse curso foi dar aos professores uma visão prática do dia-a-dia dos jornais, rádios e emissoras de televisão. Para isso, o programa abrangeu desde a pedagogia do ensino de Jornalismo, passando por legislação e marketing, até jornalismo no mundo atual e suas perspectivas.

O curso teve início no dia 31 de março, pela manhã, na sala 310 da FAMECOS. A sessão solene de abertura foi suspensa devido ao falecimento de Maurício Sirotsky Sobrinho, presidente da RBS, presidente da ANJ e idealizador do curso. O diretor da Associação, e atual vice-presidente da RBS, Fernando Ernesto Corrêa, fez a abertura informal do curso.

A primeira conferência foi proferida pelo professor José Marques de Mello, da Faculdade de Comunicação da Universidade de São Paulo. Falando sobre a pedagogia no ensino de Jornalismo, ele enfatizou que a atual tendência do ensino do Jornalismo no Brasil é a que visa a dar ao estudante uma visão prática, porém crítica dos Meios de Comunicação.

O curso encerrou hoje à tarde com o tema "Jornalismo no mundo atual e suas perspectivas" analisado por Marcos Wilson e Erasmo Nuzzi. A noite está sendo oferecido um churrasco para os participantes.

#### DIPLOMA DE COMUNICAÇÃO

Uma nota repudiando informações referentes à extinção da obrigatoriedade legal do diploma do curso de Comunicação Social, foi assinada pela maioria dos participantes do curso realizado na PUC.

A nota condena a decisão do "Comitê da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais", salientando que este comitê está ilegítimamente incumbido de elaborar um anteprojeto da nova Constituição brasileira.

Segundo os professores que assinaram a nota, o diploma é uma conquista profissional e a abertura do mercado de trabalho para não diplomados será um retrocesso. Para eles, o exercício da profissão pressupõe conhecimentos técnicos, científicos que só podem ser obtidos nos cursos regulares.

# Jornalismo econômico cresce com o pacote

Clóvis Rossi  
reportagem

O jornalista, Luís Nassif, colunista econômico da Folha de São Paulo, falou sobre sua especialidade para os participantes do Curso de Aperfeiçoamento de professores em Jornalismo realizado na PUC. Na ocasião abordou o Plano Cruzado e as diversas dificuldades de se fazer um jornalismo econômico de serviço.

Luís Nassif situa em 1979, a ativação do jornalismo econômico pelo Jornal da Tarde. Consistia, na época, em pequenas seções que tratavam do FGTS, salário, alimentação, residência e abastecimento. Em 1981 ou 1982, teria surgido, segundo o colunista, a "seção Seu Dinheiro", o primeiro grande serviço da parte financeira de um jornal.

O pacote econômico aumentou o espaço de economia, mas isto tende a diminuir. Nassif considera que o pacote "provocou uma explosão do jornalismo de serviço, tendo crescido o suficiente para talvez, provocar uma reciclagem e diminuir a discriminação.

O jornalista abordou a importância do conhecimento de matemática financeira para compreensão do pacote. "O governo reuniu analistas econômicos, no dia 26 de fevereiro, e nos deu conceitos gerais. Eu digeri os conceitos, e com uma calculadora, baseado nos meus conhecimentos de matemática financeira, tracei um perfil do pacote".

Ele considera que falta muito para a expansão do jornalismo econômico. Cita o exemplo da Gazeta Mercantil, como o único no gênero, tornando amorfo os demais. A retomada do crescimento econômico tornou saudável, segundo Nassif, a competição das áreas de serviços de economia dos jornais. "Hoje o cidadão comum encontra-se mais preparado para enfrentar um gerente de banco do que a cinco anos atrás".

Defendeu as medidas gerais do pacote tributário de dezembro, na ocasião muito atacada pela imprensa,



Nassif: o leitor quer serviço

julgando não ter afetado o assalariado. Considerou a imprensa "muito determinada a malhar o pacote de dezembro, e mesmo a adesão ao plano Cruzado foi inicialmente tímida e depois incondicional.

Na ocasião, o jornalista denunciou a adulteração do decreto-lei do Presidente Sarney pelo Consultor Geral da República, Paulo Ramos, que beneficiou as indústrias de liquidações afetando a fórmula de pagamento da casa própria.

Considerou que os bancos foram os mais afetados com o Plano de Estabilização Econômica. "Os depósitos à vista cobriam todos os serviços bancários. As taxas cobradas agora não cobrirão estes serviços", afirma.

Considera a mudança de comportamento a nível de consumidor, satisfatória. Para o jornalista a mobilização é importante, porque reorganiza a so-

cidade civil e recupera a cidadania. A televisão levando em conta o aspecto show, é positiva do ponto de vista pedagógico, nas negativas por ignorar os pontos críticos. "O oba-oba acrítico, não se conscientizou que o pacote só var dar certo, se o descongelamento ocorrer e os preços não aumentarem" completa.

Durante a palestra Luís Nassif ressaltou a falta de capacitação profissional em áreas específicas de conhecimento. "Não existe analistas especializados, porque não interessa à grande imprensa investir na formação de jornalistas econômicos", enfatizou.

A tradição da transmissão oral de conhecimentos no jornalismo, tem se mantido mas, na opinião de Nassif, um conjunto de conhecimentos permite a existência das Escolas de Comunicação. "O que não existe é a sistematização de conhecimentos. Todo o esforço sistemático acaba em trabalho acadêmico. Esta sistematização provocaria a didatização das escolas e transmitiria a técnica jornalística para o aluno", endossou o jornalista.

Chamando a atenção para a estabilidade da categoria, ele mostrou-se contra os eventuais "para-quadristas" na profissão que afetam negativamente a classe. "Só um jornalista que aprenda a lidar com os aspectos relevantes do dia-a-dia, adquire a experiência de levar ao leitor o que interessa". Um exemplo recente ocorreu na Redação da Folha de São Paulo. Na ocasião, foi montada uma equipe de 15 economistas para analisar o pacote, que juntamente com Nassif, faziam a leitura de outros jornais, levantamentos, checagem de informações e até diagramação. Foi um trabalho exaustivo que serviu para que Nassif compreendesse que muitos economistas não conseguem transmitir as informações porque não levam em conta no seu trabalho a empatia com o público, justamente por não serem jornalistas.

## Lei de Imprensa precisa mudar

Falando sobre Legislação de Imprensa, na sexta, dia 4, o deputado José de Freitas Nobre, jornalista e ex-presidente do Sindicato de São Paulo, salientou a importância dos profissionais de jornalismo, professores, e intelectuais em geral "retirarem o melhor e maior proveito da tecnologia de informática para a criação literária e artística". Mas que os jornalistas, escritores e professores devem ser os principais alimentadores destas máquinas e de seus bancos de dados, para que não haja uma defasagem nas informações ali armazenadas, comprometendo-se assim as veracidade dos fatos.

Freitas Nobre salientou que por mais modernizado tecnologicamente o jornalista não deve comprometer-se garantindo sempre sigilo de suas fontes de informações, possibilitando a retificação dos erros que venham a ocorrer em suas matérias e por fim, possibilitando o direito a resposta.

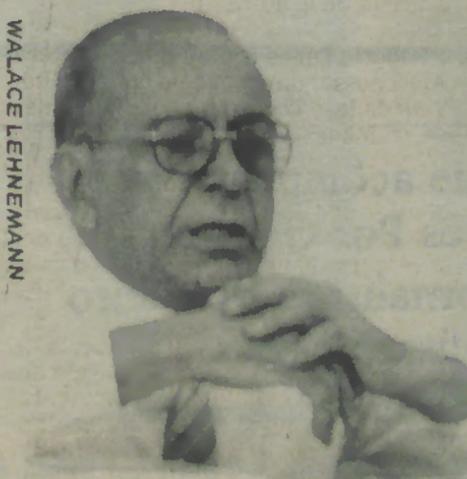
Segundo o deputado a atual Lei de Imprensa possui uma série de artigos que não deveriam ser ainda utilizados. Artigos que colocam certos in-

divíduos públicos como o Presidente do País e Ministros, acima do bem e do mal. Pois mesmo que possua dados que incriminem estes indivíduos o jornalista estará automaticamente faltando com a verdade já que estas pessoas, pela Lei de Imprensa, estão acima de qualquer suspeita. "Mas a revogação pura e simples da Lei de Imprensa também não seria a solução, pois colocaria os profissionais da imprensa à mercê do Código Penal e, ainda mais, sujeitos à Lei de Segurança Nacional. Deve portanto ocorrer uma democratização da Lei de Imprensa até ser decidida pela Constituinte em sua nova configuração".

**EXTINÇÃO DOS CURSOS DE JORNALISMO**

Indagado pelos participantes se concordava com a extinção dos Cursos de Jornalismo, Freitas Nobre salientou que os profissionais de imprensa devem continuar saindo dos bancos universitários, ficando livres deste compromisso somente os provisionados e os colaboradores.

Por sua posição José de Freitas Nobre recebeu nota elaborada e assina-



Nobre: democratizar a imprensa

da pelos professores participantes do Curso da ANJ, que representam as Faculdades de Jornalismo do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, para ser distribuída à imprensa de todo o país, repudiando as informações sobre a possível extinção dos Cursos de Jornalismo.

"Reportagem é a melhor versão da verdade possível de se obter, principalmente em política". Com esta afirmação, o jornalista Clóvis Rossi, repórter da editoria de política da Folha de São Paulo, começou sua palestra, "Jornalismo Político Regional e Nacional", no dia 4 de abril.

planos: as informações públicas e as reservadas. "As informações públicas são aquelas que qualquer pessoa, tem acesso. Já as reservadas, ou de bastidores, são as que você tem que "garimpar", isto é, descobrir e checar as fontes. Este tipo de informação toma 70% do tempo do jornalista político.

O jornalista fala que não dá para se desprezar fonte alguma. Algumas vezes, é mais fácil trabalhar com pessoas do baixo escalão na política, do que com pessoas conhecidas. "Os contatos, de um modo geral, são extremamente profissionais. O peso da informação obtida é relativamente baixo, ou pode-se dizer normal. Por outro lado, há pessoas que você tem um relacionamento mais estreito, diz Clóvis Rossi. Na opinião do palestrante, nada substitui a confiança da fonte na honestidade do texto. "Um político pode te dar até mais informações do que para um repórter que possua as mesmas convicções ideológicas dele". Para Rossi, o jornalista não deve se limitar a uma determinada gama de fontes, seja por convicções ideológicas, ou

## Caparelli fala d

A Pesquisa no Jornalismo foi o tema do quarto dia de palestras do Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo. O professor Sérgio Caparelli, pesquisador do CNPq, ex-repórter da Folha da Manhã e Zero Hora, e atualmente lecionando no Curso de Jornalismo da UFRGS, disse que a comunicação com preocupação de estudo é algo muito recente.

Caparelli começou a palestra falando sobre a evolução da pesquisa em jornalismo. Os fatores que deram início às pesquisas nesse campo foram aparecimento do rádio como meio de comunicação massivo, e a tentativa de explicar o fenômeno da ascensão de Hitler na Alemanha.

O palestrante explicou que as pesquisas na Europa discutiam o poder absoluto dos meios de comunicação. Esta hipótese era baseada na teoria reflexológica, de Paulov. Anos mais tarde, Laswell montou uma fórmula para dirigir os estudos na área: "Quem? Diz o quê? Por que canal? A quem? Com que efeito e intenções?" O método simplificou a forma de pesquisar mas, conforme alertou Caparelli, também trouxe prejuízos no processo como um todo.

O professor abordou, também, as pesquisas feitas por David White sobre "filtros", no recebimento das mensagens.

## ossi analisa em política

por simpatia. "Não podemos nunca deixar que a emoção tome conta de nós".

Clóvis conta que, no período do regime autoritário no Brasil, somente podia se publicar aquilo que era dito pela versão oficial. Ele ressalta que esta não era a única versão disponível, mas que as pessoas eram obrigadas a escrever no jornal. Muitas vezes, você sabia que um preso político tinha sido assassinado abaixo de pau na prisão. Contudo, no outro dia, era noticiado que este preso tinha sido atropelado, quando tentava fugir. Neste período, os políticos se limitavam a dar apenas declarações e não informações concretas. "Aqui, o poder acha que tem os meios de comunicação em suas mãos, o que de certa maneira é verdade. Já ouvi o ministro Antonio Carlos Magalhães dizer que jornalista ou se compra com informações ou com dinheiro".

Ele afirma que "escrever para um jornal, é como escrever uma carta para um parente distante, que não tem informações a nosso respeito. É tão simples quanto isto. Nada muito complicado, ou elaborado. Devem ser dados, isto sim, elementos concretos e objetivos; porém não se limitando a dar declarações". O jornalista disse ser contra a reserva de mercado. Ele se coloca a favor da abertura das empresas, independentemente da pessoa ter ou não cursado a escola de jornalismo. "O universo é muito amplo. Não dá tempo para o jornalista se aprofundar em determinados assuntos".

# Marketing modernizou imprensa e viabilizou as empresas



Madruga Duarte: primeiro o leitor

"O compromisso do jornal é, em primeiro lugar, com o leitor. Depois vem o anunciante". Esta afirmação é de Bolívar Madrugá Duarte, diretor comercial do jornal Zero Hora, em sua palestra sobre Marketing Jornalístico, proferida no sábado, dia 5.

Durante o encontro, Madrugá abordou diversos aspectos empresariais do jornalismo, ressaltando a importância da atividade ser lucrativa, sem perder de vista o compromisso com o leitor, o que configura uma prática de "marketing dual".

O palestrante introduziu o assunto com um breve histórico do caráter elitista, "quase religioso", da atividade jornalística, cuja grande prioridade era editorial. E acrescentou:

"Durante muito tempo os jornalistas foram 'monstros sagrados', sabiam de tudo. Somente na década de 70 começou uma maior ênfase ao espírito empresarial, fazendo com que o jornalismo finalmente deslançasse no país".

Segundo Madrugá, nesse momento o anúncio passou a ser respeitado nas redações, pois antes era muito mal visto. Havia uma crença generalizada de que a publicidade "sujava" o jornal, enquanto que, hoje em dia, é justamente ela que proporciona a viabilidade econômica dos veículos.

Mas muito antes de ser aplicado nos nossos jornais, o marketing já era utilizado por quase todo o mundo ocidental. "Após o crack da Bolsa de Nova York, no final dos anos 20, os empresários americanos perceberam a importância de saber os anseios e desejos do consumidor. Daí à criação do novo sistema foi um passo". LEITOR É UM "BARÔMETRO"

Dentro deste contexto, a pesquisa desempenha um papel muito importante, pois, como falou Madrugá, é através dela que se chega ao leitor, que irá revelar o que pensa sobre o veículo. Outro dado a ser considerado é a venda em banca, pois, ao contrário do assinante — passivo —, é o lei-

tor quem dá uma referência sobre o interesse despertado pelo jornal, sendo um "barômetro" de cada edição.

O palestrante comentou que é neste sentido que surge a figura do "ombudsman", verdadeiro fiscal do leitor junto à empresa. O "ombudsman" é encarregado de criticar o conteúdo do jornal e de oferecer sugestões e alternativas ao editor.

Vários aspectos determinam uma maior vendagem nas bancas. Um deles é a cor. Madrugá afirmou que os anunciantes também devem estar atentos para este fato, pois, segundo pesquisas feitas nos Estados Unidos, o anúncio em policromia — quatro cores — tem um índice de leitura 75% maior do que a publicidade em preto e branco. E faz uma previsão: "O jornal que não possuir impressão em policromia está fadado a fechar num futuro próximo".

Outro ponto que as empresas jornalísticas devem ter bem claro, segundo Madrugá, é que não há necessidade de um parque gráfico para cada jornal. Apenas um complexo industrial pode atender a vários veículos, não havendo, deste modo, ociosidade de mão-de-obra e maquinaria.

Em relação ao significado social da atividade jornalística, Madrugá Duarte lembrou que os profissionais da área devem manter o compromisso de informar a comunidade com desprendimento, nunca esquecendo que trabalham numa empresa.

## la de pesquisa

Esses filtros seriam pessoas que possuem alguma informação anterior sobre o assunto veiculado pelos meios de comunicação.

### NA AMÉRICA LATINA

De acordo com Caparelli, na América Latina existe uma grande quantidade de pesquisas baseadas na demanda social por parte das empresas particulares. Como exemplo disse ele citou as pesquisas do Ibope. "Estes estudos valem pouco para aumentar o conhecimento científico sobre a sociedade. Trazem só uma descrição da situação, perdendo de vista a contextualização", afirmou Caparelli.

Para finalizar, foi abordado o papel do Estado nas pesquisas em jornalismo. As conclusões tiradas foram as seguintes: o tem um interesse especial em comunicação, mas não com as pesquisas em comunicação; pela abrangência do rádio e da TV, as pesquisas se deslocaram para estes meios; estas pesquisas foram utilizadas à risca no país, visando determinados objetivos de Segurança Nacional; dentro da Universidade, as pesquisas voltam-se para outras áreas que não a de Jornalismo; e por último, a política implícita de Comunicação do Governo privilegia o rádio e a televisão por terem um impacto maior sobre a população e por serem concessões do Presidente da República, beneficiando a iniciativa privada.

# Jornais devem atender leitores

O Jornalismo no Brasil atual e suas perspectivas foi o tema do segundo dia do Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo. O palestrante, Alberto Dines, foi editor do Jornal do Brasil, diretor da sucursal da Folha de São Paulo e, atualmente, é diretor da Editora Abril.

Alberto Dines contou que a Editora Abril possui um convênio com as Universidades. Todos os anos, 60 alunos selecionados fazem um curso de 30 dias com os melhores jornalistas do País. Desses, 15 fazem um estágio na Abril, e são eles que respondem as 15 mil cartas que a Editoria recebe por mês, criando um vínculo entre o estudante e o leitor.

Com relação ao futuro da Escola de Comunicação, Dines pensa que ela deveria ser um campo de experimentação. O aluno deveria sair da Faculdade conhecendo o mercado de trabalho. O jornalista lembra que, apesar de uma revista como a Veja vender 700 mil exemplares por semana, não existe uma Cadeira de Revista na Faculdade de Comunicação.

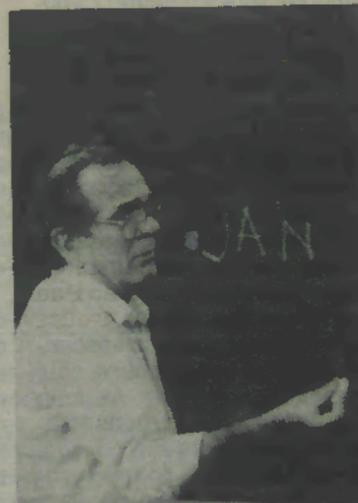
"O objetivo do jornalismo é satisfazer a necessidade do público", diz Alberto Dines e cabe ao jornalista descobrir quais são as necessidades do seu público. Dines lembra ainda que a

sociedade não estaciona: a cada necessidade atendida, outra é gerada. Se, por exemplo, o Governo agora fez modificações na economia do País, ele vai ter que ir adiante. O público vai exigir mais.

### TENDÊNCIAS DO JORNALISMO

Os grandes jornais se universalizam. Quando Dines começou a trabalhar na Folha de São Paulo, ela era um jornal sem expressão. Em 1975 houve o "momento da virada", a Folha começou a inovar e a fazer referências nacionais, não se dirigindo somente ao público paulista. Com esta tendência dos grandes jornais, cria-se uma oportunidade para o aparecimento de novos jornais que satisfaçam as necessidades específicas da cidade de São Paulo, por exemplo.

Dines citou várias tendências do jornalismo atual. A segmentação da informação foi uma delas. Cada vez mais são criadas publicações de interesses específicos. Elas podem ser dirigidas a uma faixa etária, ou a uma área geográfica, ou a um público político, ou a outros vários públicos que tenham um interesse próprio. Outras tendências que Dines destacou foram a compactação dos jornais e revistas, e o surgimento de novas tecnologias.



Dines: a escola deve experimentar

Quanto às perspectivas do jornalismo no Brasil, o palestrante lembrou que existe um grande campo de trabalho no interior do Estado, propondo inclusive que existisse na Faculdade

uma Cadeira de "Jornalismo Interiorano". Outro espaço aberto para os jornalistas do Brasil é o dos jornais de bairro, que de acordo com Dines são muito importantes, assim como as publicações alternativas. Após a palestra de Alberto Dines houve um debate entre o jornalista e os diversos professores que participaram do Curso.

# Computador transforma as redações

O Rio Grande do Sul está começando a se integrar a um novo sistema que o jornalismo moderno já conhece há algum tempo. Com a implantação de terminais de vídeo nas redações, se iniciou uma nova era no jornalismo brasileiro. Na nossa realidade mais próxima, Zero Hora e Diário Catarinense, os dois jornais da RBS, já fazem parte deste grupo de "empresas jornalísticas eletrônicas".

Na manhã de ontem, terça-feira, oito de abril, o Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo abordou as Novas Tecnologias em Comunicação, com o depoimento de Olyr Zavaschi, responsável há dois anos pela implantação de terminais de vídeo nas redações de ZH e D. Catarinense. Ele substituiu Marcos Dvoskin, Diretor-Superintendente da RBS, na palestra realizada na PUC-RS. Zavaschi já foi o Secretário de Redação de Zero Hora.

Na década de sessenta, os Estados Unidos foram surpreendidos com a ida do homem à lua pelos soviéticos. Criaram então uma equipe eficiente em telecomunicações. Já em 1969, os americanos também iam à lua, mas, após esta euforia inicial, mais da metade desta equipe foi dispensada. Uma grande parte dela se dedicou ao processo de fazer jornal eletronicamente.

Este foi um marco histórico na história do jornalismo, pois até então os avanços haviam sido pequenos. Na opinião de Olyr Zavaschi, "o jornalismo



o futuro é eletrônico

pouco evoluiu desde Gutenberg". E acrescentou: "até agora só são criadas novas formas de acelerar o processo da confecção do jornal, mas não são feitas alterações na sua forma de fazê-lo".

## O PIONEIRISMO AMERICANO

Os técnicos americanos que se dedicaram às novas tecnologias em jornal, encontraram uma solução no encurtamento do processo da sua confecção. Zavaschi informou que o elemento a ser eliminado, segundo os estudos norte-americanos, era a digitação.

"Nos anos 70 houve a primeira tentativa, com sucesso, que se espalhou rapidamente. Em menos de dez anos a

metade dos jornais americanos já usava este processo". Atualmente, dos 1.750 diários americanos, todos as grandes e médias empresas jornalísticas já se utilizam do computador manuseado pelo redator. "Esta revolução substituindo a máquina de escrever pelo terminal de vídeo afirmou Zavaschi tem também uma conotação simbólica — o jornalista está firmado com a imagem de laudas pelo chão, riscadas e amassadas".

## IMPLANTAÇÃO NO BRASIL

A Folha e o Estado de São Paulo foram os pioneiros na implantação do jornalismo eletrônico no País. Depois desta experiência, vários outros jor-

nais se lançaram na "aventura" de inovar e modernizar. Olyr Zavaschi, o responsável por este trabalho, na Zero Hora e D. Catarinense, descreveu o processo de implantação: cada jornalista recebe um número e um nome-código, após 12 horas de treinamento. "É uma gaveta chaveada", comparou o jornalista. Desta maneira, da sua mesa, o jornalista poderá consultar fontes, redigir, corrigir a sua própria matéria e enviar ao seu destino. Mas ainda existem falhas: "há alguns riscos, como a falta de energia, que já estão sendo previstas, mas depois da implantação definitiva é que se podem corrigir estas deficiências, como é o caso do controle do número de erros".

Segundo as informações de Olyr Zavaschi, provavelmente em julho a Zero Hora deverá estar seguindo o exemplo do Diário Catarinense de Florianópolis. Zavaschi, que está continuamente pesquisando estas novas tecnologias, disse que alguns equipamentos rapidamente deverão se integrar ao dia-a-dia das redações, como o terminal de vídeo portátil, para os repórteres enviarem matérias urgentes diretamente ao local; o microcomputador para gráficos e o acesso direto ao Departamento de Pesquisa. "A vantagem é tanta que, para se ter uma idéia, mais de 75.000 documentos, utilizados em uma edição de ZH Classificados Dominical, serão eliminados".

## Laboratórios formam profissionais incompletos

Definir uma política de utilização dos órgãos laboratoriais dos cursos de jornalismo que possibilite a inovação de técnicas. Essa foi a tese defendida por Antônio Firme Gonzales, diretor da FAMECOS/PUC, no Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo, ao falar sobre "Jornal Laboratório e Projetos Experimentais".

Para Antônio Gonzales, tantos os jornais laboratórios como os programas universitários de rádio e TV estão apenas repetindo práticas já utilizadas nos meios de comunicação, perdendo suas características de experimentação. Formam profissionais adaptados ao mercado de trabalho, mas não capacitados a fazer evoluir esse mercado através de novas práticas.

"Os projetos têm que transcender à simples repetição para cair na pesquisa", defende Antônio Gonzales. As propostas pedagógicas inovadoras no País são poucas. Um raro exemplo, citado pelo professor, foram os projetos experimentais com cinema super 8, desenvolvidos por alunos da FAMECOS no final dos anos 70. Com resultados positivos, eles deram origem a uma nova safra de cineastas gaúchos, que tem Carlos Gerbase como um dos seus maiores expoentes.

### Dificuldades

Essa carência de propostas pedagógicas inovadoras se explica pela dificuldade que as universidades tiveram para se equipar materialmente. Conforme Antônio Gonzales, ainda hoje a grande preocupação é com a área física e os equi-



Gonzales: faltam propostas

pamentos. Apesar da discussão sobre a necessidade de órgãos laboratoriais ter surgido em 1972, nas universidades paulistas, a obrigatoriedade curricular da existência desses jovens só ficou garantida em 1984, com o novo currículo.

O desenvolvimento de projetos que não apenas repitam práticas já consagradas esbarram numa dificuldade. Isso principalmente em relação aos jornais laboratórios que, destinando-se a um público externo, necessitam manter determinadas características, "personalidade própria", e ainda capacitar o aluno à realidade do mercado. Como conciliar esse caráter de continuidade e adaptação ao mercado à experimentação de novas práticas?

Antônio Gonzales entende que a saída é os cursos passarem a manter dois veículos, cumprindo assim em separado cada uma das duas finalidades. "E se isso faz pensar em outra dificuldade que seriam os recursos financeiros, por que as universidades não buscarem recursos fora?", pergunta ele. "Os jornais laboratórios também podem obter verba com anúncios".

## ZH na Sala de Aula: o jornal usado como material didático

Desenvolver o pensamento crítico do aluno, formar o hábito de leitura, estimular e estimular a discussão da realidade e incentivar educar e educando a atuarem como agentes transformadores da realidade são alguns dos principais objetivos do programa "ZH na Sala de Aula", implantado em 1980 aqui no Estado por uma equipe da Zero Hora. Isto é o que foi dito pelas professoras Mara Lúcia M. Macedo e Rosana Dutra Nunes, responsáveis técnicas pelo projeto, aos participantes do Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo.

O gerente de Marketing da RBS, Paulo Ratinecas, disse que na ocasião de sua implantação, em 1980, o projeto não contava com outro similar no Brasil e foi baseado no "The Newspaper in the Classroom" que estava sendo desenvolvido nos Estados Unidos. Disse, ainda, que a RBS "implantou o programa com o fim de integrar a comunidade oferecendo subsídios (jornais e assistência técnica) aos professores, tentando suprir a carência de informações do educando".

### Jornal e Educação

A equipe de "ZH na Sala de Aula" diz que o programa atende a cerca de 442.580 alunos de Grau de todo o Estado. São 27.129 jornais distribuídos semanalmente para 9.043 professores de 1848 escolas gaúchas da rede pública e particular em 222 municípios. Em 1981, quando os jornais começaram a ser distribuídos aos professores cadastrados no programa, apenas 38 escolas participavam.

Cada professor cadastrado recebe gratuitamente três jornais (ZH Dominical) por semana, que utiliza como material didático

em suas aulas. Desta forma o aluno é estimulado a discutir a sua realidade. Pela linguagem clara e objetiva desenvolvida no jornalismo e pela realidade dos fatos e circunstâncias abordados, o jornal vem suprir a carência de livros didáticos. Através de uma série de exercícios de estímulo, de murais e outras atividades, o jornal acaba sendo utilizado para quase tudo dentro de uma sala de aula, de acordo com as necessidades.

Os professores tomam conhecimento do programa através de contato direto, no caso de lecionarem em escolas da capital, ou mala direta, quando no interior. As próprias professoras Mara e Rosana se dirigem às escolas de Porto Alegre para divulgar e prestar assistência técnica aos participantes. Os trabalhos dos alunos e dos professores são publicados no Jornal do Aluno, na ZH Dominical. Desta forma o próprio jornal funciona como divulgação e estímulo, além de proporcionar um intercâmbio dos trabalhos por educadores de diversas localidades. O Jornal do Aluno serve, também, como apoio técnico ao interior. Além dos exercícios recomendados pelas responsáveis técnicas, diretamente ou através de manuais, os participantes desenvolvem novas formas de trabalho.

O programa atua, ainda, em todas as áreas e disciplinas educacionais, nos Centros Comunitários, através da Biblioteca Móvel, e pelo programa "Leitura no Parque". "ZH na Sala de Aula" conta com participantes inclusive de outros Estados. As painelistas disseram que através da participação no Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo procuraram "alertar para o compromisso que o jornalista tem ao escrever uma notícia".



ANA LUIZA FREITAS

## Coral da UFRGS entra em nova fase aos 25 anos

*Considerado o melhor do Brasil em 1978 no II Concurso Nacional de Coros, o Coral da UFRGS prepara-se para uma nova fase com seu quadro de cantores renovado e a contratação de um regente exclusivo*

Para fazer parte do Coral da UFRGS é preciso ter boa percepção musical e voz. Não é necessário saber ler partituras, nem tocar algum instrumento. Mas é preciso ter amor à música e um gosto variado para aprender um repertório com cerca de 12 peças anuais, desde a Valsinha de Chico e Vinícius até a Bendita Sabedoria, de Villa-Lobos, toda em latim. É preciso dispor das tardes de sábado e das noites de quarta para os ensaios. Depois de efetivado, o novo integrante deve comparecer às apresentações e estar disponível para viajar com o coro. Não será remunerado por isso, ao contrário, todo o sócio-cantor tem que pagar uma mensalidade (Cz\$ 20,00), pois o Coral é uma associação, que mesmo sem fins lucrativos precisa de verba para se autogerir.

Podem parecer um sacrifício fazer parte do Coral da UFRGS, mas, para as cerca de 50 pessoas, que se reúnem, na sala 61 do Instituto de Artes, não é. André Souza Lemos, tenor, 19 anos, há um ano no coro, diz: "Gosto de cantar e com o Coral posso fazer um trabalho mais sério". André vê outras vantagens no coro além da música: "Acho sensacional em termos de companhia". Cristina Bertom dos Santos, 19 anos, há dois como soprano, conta que entrou no Coral para perder a timidez e para renovar seu ambiente social depois que abandonou o curso de magistério. "Participar do coro melhora a percepção musical, a gente aprende a ouvir, a distinguir sons que antes não percebia", diz a futura estudante de música.

### Opção

Mais da metade dos coralistas são estudantes que trabalham

meio turno. A maioria solteiros, na faixa dos 20 aos 35 anos, e todos estão ali por opção, para complementar suas atividades diárias como pessoas e como amantes da música. Elnora de Paiva Ayres, soprano, 32 anos, médica neurologista infantil, divide seu tempo entre o trabalho, o coral, o marido e os dois filhos pequenos. Ela entrou no grupo em 1968, quando o então maestro Pablo Komiós passou pelas Faculdades recrutando gente disposta a cantar a 9ª Sinfonia de Beethoven. Naquela época o Coral ainda era sinfônico mas no ano seguinte, 1969, tornou-se independente da programação da OSPA e passou a dedicar-se à música à capella (somente vozes).

Desde à época de sua fundação, em 1961, até hoje o Coral passou por várias oscilações, tanto em seu quadro social como em seu desempenho musical. Uma das ascensões aconteceu em 1978, no II Concurso Nacional de Corais, promovido pelo MEC e FUNARTE, quando classificou-se em primeiro lugar entre os 100 coros participantes de todo o país. Marília Hofmeister Caldas, contralto, 30 anos, advogada, no Coral desde 1973, lembra dessa época como o período de maior união do grupo como um todo.

### Troca de favores

Atualmente o Coral está em ascensão, com o quadro de cantores renovado, a maioria ingressos a partir de 1984. A verba é pouca, mas os planos e convites são muitos. Entre eles convites para cantar em Montevideu e Buenos Aires e a gravação de um álbum duplo em homenagem aos 25 anos de existência. Segundo Jorge Roberto Gloscia Filho, 24 anos, estu-

dante de Medicina e atual diretor-presidente, a verba para o disco, calculada em Cz\$ 150.000,00 deverá ser adquirida junto a empresas e bancos, já que nem o coro, nem a Universidade têm condições de bancar tal quantia.

Jorge Roberto define o vínculo mantido entre o coral e a Universidade como uma "troca de favores". "O Coral leva o nome da Universidade, faz o merchandising da Universidade, canta nos eventos que ela solicita e a Universidade, em troca, nos dá uniforme, transporte para as apresentações, e uma verba anual, que é curta".

A atual melhoria no desempenho do Coral explica-se também, a nível de verbas, pela manutenção de um regente fixo. "Eu sou o primeiro regente, que eu saiba, da história do Coral em 25 anos, contratado pela UFRGS para fazer exclusivamente uma coisa: dirigir o Coral", conta Cláudio Ribeiro, bacharel em Música pela UFRGS, com curso de extensão na Holanda. O maestro Arlindo Teixeira, que regeu o coro entre 1974 e 1980, considera essa medida muito salutar para o Coral e para o regente. "Rerger um coral é uma atividade que requer muita dedicação e não se pode exigir isso de alguém se ele não é condignamente pago", salienta o maestro que, na época, como professor do Instituto de Artes tinha parte de sua carga horária destinada aos ensaios e era complementado em seu salário como regente com verbas do próprio coro.

MARIA LUIZA JUCOSKI BARBOSA

## COESP dá orientação psicológica há 15 anos

Com a reforma universitária, o Centro de Orientação e Seleção Psicotécnica, COESP, foi criado com a finalidade de prestar serviços nas diferentes áreas da Psicologia Aplicada.

Segundo o professor Arthur de Mattos Saldanha, diretor do Centro, O COESP existente há quinze anos é um órgão suplementar, vinculado à Reitoria através da Pró-Reitoria de Extensão. Este Centro tem origem no antigo Departamento de Psicologia Clínica da universidade, que servia para a seleção de pessoal que ocuparia funções dentro da universidade. Hoje seus serviços estão ampliados e ele atende a toda comunidade universitária e também àqueles que não tem vínculo com a universidade.

Instalado no atual prédio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, FABICO, desde 1969, o COESP, a própria FABICO e a Gráfica da Universidade pleiteiam mais espaço já que trabalham separadamente.

O Centro conta com dez psicólogos e dez estagiários da própria UFRGS, que atuam nos diferentes campos da Psicologia Aplicada, ou seja, Psicologia Clínica, do Trabalho e Escolar.

### COMO SER ATENDIDO

Quem tem vínculo com a universidade tem preferência no atendimento, já que a fila de espera é bastante grande e a limitação do espaço físico inibe a ampliação do setor.

Procuram os serviços do Centro alunos de segundo grau, jovens adultos e outros. Para que a pessoa seja atendida é necessário que ela se dirija ao COESP, preencha uma ficha de inscrição, munida da Carteira de Identidade ou de Estudante, e aguarde a chamada.

Segundo o professor Saldanha, os valores cobrados são variados, pois

dependem do tipo de serviço e do vínculo do cliente com a universidade.

"A Pró-Reitoria de Extensão é que estipula essas taxas, mas há a solicitação, que está para ser votada pelo Conselho Universitário, para que a determinação destas taxas se baseie na renda familiar do cliente", diz ele.

### A ATUAÇÃO DO CENTRO

Na área de aconselhamento vocacional a demanda é crescente. Os profissionais do COESP se utilizam de testes, entrevistas e outros instrumentos para auxiliar o jovem na escolha de uma profissão.

Para Jorge, de 16 anos, aluno de segundo ano da Escola Técnica de Comércio da UFRGS, os serviços do COESP são bons. Ele procurou o COESP através da PRUNI, no segundo semestre de 1985, preencheu a ficha de inscrição e depois de uma semana foi chamado.

"Logo fui atendido por uma psicóloga do COESP", diz ele, a princípio eu tinha duas consultas por semana, mas este ano eu ainda não sei, pois acabei de marcar a primeira consulta."

### DIVULGAÇÃO

"A reedição da Revista do COESP está sendo preparada para este ano. Ela era semestral, agora está em estudo", diz o professor Saldanha. O responsável pelo trabalho é o professor Clóvis Stenzel, jornalista e também psicólogo do Centro.

Atualmente a divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelo COESP é feita quase que só de cliente para cliente, através das direções das faculdades, universidades e também pelos alunos.

KARLA MARIA MULLER

## Transporte urbano é o grande desafio da SMT

O problema das tarifas de ônibus é matéria obrigatória nas discussões de vereadores de todo o País. Com o congelamento do preço das passagens, sobe ao primeiro plano nos debates, em Porto Alegre, a adoção dos passes livres para alguns segmentos da população.

O novo secretário dos transportes do município, Marcos Ledermann, 52 anos, diz que atualmente só os funcionários dos Correios e Telégrafos, militares e cabos da Brigada não pagam o ônibus, podendo entrar até três passageiros dessa categoria por veículo. E acrescenta que já está em fase de regulamentação na Procuradoria do Município o projeto que dá passe livre aos idosos nos coletivos. Essa é uma prática já adotada em outras cidades brasileiras, e alguns vereadores acham que deveria ser estendida aos estudantes de primeiro grau de escolas públicas.

Para Marcos Ledermann, quanto mais passageiros deixam de pagar, mais cara se torna a passagem, pois "alguém tem que pagá-la". Ele diz que socialmente é uma medida válida, mas lembra que o município não tem condições de subsidiar as tarifas. E as empresas particulares, preocupadas com o lucro, não podem arcar com esse ônus.

Centralização  
Os problemas que o secretário dos transportes terá que resolver durante o seu mandato não param por aí. A população reclama que a Praça XV está sobrecarregada, pois para lá converge a maioria dos coletivos. Para Ledermann esta não é uma tendência do trânsito, "é uma política adotada". Por isso, estão sendo feitos estudos para eliminar esse fluxo.

Por outro lado, a intenção do secretário é descentralizar, criar novos polos. Isso não significa que Porto Alegre terá ônibus circulares fazendo a ligação entre os bairros. Ledermann explica que o percurso desses coletivos seria bastante extenso e seriam necessários muitos carros para garantir sua frequência. Caso contrário, as pessoas teriam que esperar muito por um ônibus e acabariam desistindo, diminuindo o número de passageiros na linha e tornando o projeto inútil.



ANA LUIZA FREITAS

### Novo Censo

Para facilitar os estudos da SMT será realizado um novo censo entre primeiro e 30 de abril. A maioria dos dados recolhidos no censo concluído há cinco meses, no governo João Dib, não pôde ser aproveitado, pois sua validade foi posta em dúvida pela Câmara dos Vereadores. Marcos Ledermann acredita que há uma superposição de linhas, o que acarreta a disputa pelo mesmo passageiro. A partir do censo, essas linhas serão conhecidas e se poderá racionalizar o transporte coletivo com melhor aproveitamento dos lugares oferecidos.

O secretário acredita que, agora que a população se acostumou a fiscalizar, ela deve ajudar também no controle do censo para que ele seja o retrato mais fiel possível da situação do transporte urbano de Porto Alegre. As pessoas devem atentar para a cor dos bilhetes que serão distribuídos: azul para quem paga inteiro, marrom para melas-passagens e amarelo para os que não pagam.

SUZANA NAIDITCH

Em 1961, dois estudantes portugueses foram condenados a sete anos de prisão por pregar o direito à liberdade. Indignado, o advogado inglês Peter Benenson começou uma campanha denunciando a prisão de pessoas pela defesa de suas convicções. Milhares de pessoas em todo o mundo se juntaram a este protesto, formando um movimento em favor dos direitos humanos. Este movimento é conhecido hoje como Anistia Internacional

# 25 anos da Anistia Internacional

A Pomba da Paz de Picasso é um dos principais símbolos da Anistia Internacional em todo Mundo



A proteção dos direitos humanos é uma responsabilidade universal, que transcende os limites de nacionalidade, raça e ideologia. Baseando seu trabalho nesta crença, a Anistia Internacional — AI, completa 25 anos de fundação no dia 28 de maio. Mais de 500 mil pessoas ligadas à organização, em 160 países e territórios, vão comemorar esta data. A subseção da AI em Porto Alegre também vai festejar estes 25 anos com uma intensa programação.

A AI tem três subseções no Brasil: em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A organização que tem sede em Londres só pôde instalar-se no País há quatro anos. Mesmo não estando aqui na época da repressão, a Anistia denunciou diversos casos de prisões políticas no Brasil e chegou a editar um li-

vro sobre a repressão durante o regime militar pós-64.

Na capital gaúcha, a AI abriu oficialmente sua subseção em outubro do ano passado. O grupo Brasil-5, responsável pela vinda da organização a Porto Alegre, atuava anteriormente na comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa. O grupo foi o organizador da campanha para libertar os uruguaios Lillian e Universindo Dias, seqüestrados em Porto Alegre em novembro de 1978 por policiais brasileiros e uruguaios.

Atualmente participam do movimento em Porto Alegre 25 membros ativos e cerca de 30 simpatizantes. Paulo Góettems, secretário local, admite que este número é ainda reduzido. Para ele, os problemas sociais e eco-

nômicos do País são prioritários, o que significa a concentração de militantes em outros movimentos.

Paulo fez questão de salientar que a entidade não mantém nenhum vínculo ideológico ou econômico com grupos ou partidos políticos. A AI sobrevive financeiramente com doações feitas por seus membros, simpatizantes e por campanhas para angariar fundos.

Outra característica importante do trabalho realizado pela AI é que os grupos só podem se ocupar de presos de consciência de outros países. Este requisito é fundamental, segundo Paulo, para garantir a independência e imparcialidade da organização. No momento, o grupo Brasil-5 está trabalhando

no caso Bassan Abudd, um dirigente comunista sírio detido em seu país sem nenhuma acusação. A campanha para libertar Abudd vem sendo feita através de cartas remetidas ao Governo e à embaixada síria no Brasil.

Para comemorar e divulgar os 25 anos da Anistia Internacional, a subseção da organização em Porto Alegre vai promover diversos eventos no decorrer de 86. Entre eles, destacam-se um ciclo de cinema na Casa de Cultura Mario Quintana com temática ligada aos direitos humanos e a apresentação de um projeto de lei, a nível estadual, criando a disciplina de educação em direitos humanos na Academia de Polícia e a possível participação da AI na próxima Feira do Livro.

MÁRCIA REGINA GOMES

## DCE saúda Godard

O mais recente abalo na imagem de Nova República foi a proibição ao filme "Je Vous Salue Marie", de Jean Luc Godard. O presidente José Sarney, ao vetar a obra, suscitou inúmeras discussões sobre a existência da censura no País. Afinal, no início deste governo, o próprio ministro da Justiça, na época Fernando Lyra, afirmava que a censura estava extinta.

Mas, apesar da proibição, muitas pessoas têm assistido ao filme em todo o País, e essa polêmica serviu apenas para aguçar a curiosidade do público em torno desta obra de Godard.

Maria Lúcia Fróes, editora da revista Moviola, especializada em cinema, diz que a proibição do filme é ridícula, pois a lição de Godard era contar a vida de uma mulher comum. Em sua entrevista à revista inglesa "New Musical Express" ele afirmou que "falar sobre a Virgem Maria não foi um ato premeditado. A coisa surgiu naturalmente". Na opinião de Maria Lúcia, Godard fez um filme muito bonito e feminino, onde a

mulher é tratada com carinho e respeito. O único fato que pode ser considerado como deturpação de imagem de Maria é o fato de mostrar a Virgem como uma mulher extremamente reprimida e passiva. De resto, o filme trata todo o mistério do nascimento de Jesus com certa ironia. "É quase como uma brincadeira", diz Maria Lúcia.

Outro aspecto importante para a editora é o fato de que "a parte progressista da Igreja mostrou durante o episódio que não é tão progressista assim". A Igreja, com o veto ao filme, quis dar uma demonstração de força.

Contudo, nem todos "os cordeiros de Deus" estão contra a liberação de "Je Vous Salue Marie". Tarcísio de Nadal, padre e professor da PUC-RS, membro da ala progressista da Igreja, não só aceitou a obra como a assistiu. E diz que o filme é uma poesia que leva a uma reflexão maior sobre a origem da vida.

Godard não ataca o dogma central da Igreja, pois a virgindade de

Maria é observada. Para Tarcísio de Nadal, Governo e Igreja saíram perdendo com toda esta polêmica. Em sua opinião, os fiéis deveriam no máximo ser persuadidos a não ver o filme.

Nem toda a sociedade ficou alienada à proibição do filme "Je Vous Salue Marie". No dia 13 do mês passado o DCE da Ufrgs organizou uma manifestação, em frente à Faculdade de Direito, protestando contra a atitude do Governo e da Igreja ao vetar o filme. Durante o ato, que se estendeu da Avenida João Pessoa até a esquina democrática, Rua da Praia com Borges de Medeiros, os estudantes gritavam frases como: "1, 2, 3, 4, cinco mil, queremos que a censura vá pra fora do Brasil". Atores do grupo Nôis Aqui Traveis, caracterizados como personagens bíblicos, gritavam contra a censura imposta ao filme de Jean Luc Godard.

Após a passeata, os manifestantes exibiram o filme na Faculdade de Arquitetura.

JAQUELINE CHALA  
LUIZ HENRIQUE FONTOURA

## Curta metragens reativam a produção do cinema gaúcho

Após um período de recesso a produção cinematográfica do Rio Grande do Sul começa novamente a dar sinais de vida. Além do filme de Sérgio Lerrer, "Quero ser feliz", que está sendo lançado neste mês, diversos curta-metragens estão começando a ser produzidos. Um desses projetos é "Passageiros", de Carlos Gerbase e Glênio Povoas.

Segundo Gerbase, o filme ainda está no papel por falta de verbas, apesar das promessas de financiamentos que recebeu de vários órgãos. A idéia de fazer o curta nasceu de um concurso promovido pela Embrafilme, Associação dos profissionais de Cinema do Rio Grande do Sul, Assembléia Legislativa do Estado e Associação Profissional de Técnicos Cinematográficos do Rio Grande do Sul. Estes órgãos se comprometeram a financiar dez projetos de curtas gaúchos selecionados por um júri especial. No entanto, apenas sete curtas foram escolhidos, sendo que alguns já estavam em fase de execução. Dos vinte e dois filmes inscritos foram aprovados: "O Dia em que Dorival Enfrentou a Guarda", de Jorge Furtado e José Pedro Goulart; "In Memoriam", de João Guilherme Reis da Silva; "Olu Odô, Senhor da Água", de Alpheu Ney Godinho; "Passageiros", de Carlos Gerbase e Glênio Povoas; "Treiler", de Otto Guerra, José Maia e Lancaster Mota; "Viva a Morte", de Maticó; e "A Voz da Felicidade", de Nelson Nadotti.

Os custos totais destes projetos estão calculados entre 700 e 100 mil cruzados, mas a verba liberada pe-

lo Governo do Estado é de apenas 40 mil cruzados para dividir entre os sete ganhadores. Uma nova reunião decidiu que os 40 mil seriam repartidos entre os projetos que se comprometessem a ficar prontos para o Festival de Gramado de 87. Assim, "O Dia em que Dorival Encarou a Guarda", "Treiler" e "Viva a Morte" dividiram os 40 mil cruzados.

Gerbase acredita neste tipo de concorrência, já que até agora esta foi a primeira tentativa de se fazer um trabalho sério. "Até pouco tempo as verbas eram conseguidas na Assembléia através de 'pistolões'", disse Gerbase. "Se o sujeito conhecia algum político influente, já estava com seu filme assegurado".

Agora, além da verba que deve vir, a Embrafilme comprometeu-se a fazer todo o trabalho de finalização de som, cópiagem e distribuição.

A história de "Passageiros", baseada no conto "Haroldo II", publicado pelo prêmio Apesul de Criação Literária, não é inédita. Nela um motorista de táxi e um assaltante (Haroldo) percorrem diversos pontos da cidade, discutindo a incoerência da situação em que vivem. Gerbase explica que para dar exatamente esta impressão de marginalidade foi usado o filme super-sensível, que "estoure o grão, resultando numa fotografia suja".

Deste filme, Gerbase espera ter algum retorno, já que com "Verdes Anos" o lucro foi de apenas 500 cruzados.

## Filme da "Z" tem lançamento no Sul

A Z Produtora Cinematográfica lança, neste mês, o filme "Quero ser feliz", dirigido por Sérgio Lerrer. No elenco estão Marco Antonio Breda, Mayara Magri, Júlio Reny, Fernando Severino e outros.

Seguindo a mesma linha de Verdes Anos, Deu Pra Ti Anos 70 e outros gêneros, o filme conta a estória de três jovens adolescentes cheios de incertezas com relação ao futuro. Segundo César Michel, um dos produtores, o custo total da fita é de 1 milhão e duzentos mil cruzados, sendo que 48% desta verba foi comercializada através de "merchandising". Ele explica que "o filme será lançado nos três estados do sul, coisa inédita no cinema brasileiro, pois todas as produções são lançadas em um único estado, ou em todo o país simultaneamente".

Mayara Magri, a estrela do filme, já participou de três novelas globais (a última foi "A Gata Comeu"). Atualmente ela trabalha em Dona Belja, da Rede Manchete. E ao que parece o maior trunfo do filme é a badalação em torno do nome da atriz.

Na trilha sonora aparecem as músicas das bandas de rock de Porto Alegre, como por exemplo Engenheiros do Hawai, Júlio Reny e a Banda Km 0 e Garotos da Rua.

Há ainda a participação especial do compositor Mário Leopoldo dos Santos Júnior, de Santa Catarina, que criou músicas exclusivas para o filme.

O diretor Sérgio Lerrer produziu "Verdes Anos", "Me belja" e "Aqueles dois".

JAQUELINE CHALA  
LUIZ HENRIQUE FONTOURA

# TOQUE FINAL

ADRIAN ALEXANDRI  
SUZANA NAIDITCH

MARC CHAGALL

## A cultura tem novo espaço

O Instituto vai divulgar a cultura judaica e promover grandes espetáculos

Com o propósito de difundir a cultura judaica e tornar conhecidas algumas das coisas através das quais os judeus contribuem para a cultura como um todo, foi fundado, em Porto Alegre, o "Instituto Marc Chagall". Segundo seu diretor-executivo, Abrãao Faermann Sobrinho, 52 anos, o Instituto é uma contribuição da comunidade judaica, mas está aberto a todas as pessoas que quiserem participar. "É um diálogo com a sociedade, onde uma minoria procura transmitir seus valores para que eles permaneçam e a sociedade os respeite", diz ele.

Procurando abranger desde aspectos científicos, até humanidades, o "Marc Chagall" está dividido em seis câmaras, coordenadas por nomes conhecidos da cultura gaúcha. Na câmara de Letras, estão Moacyr Scliar, Maurício Rosemblat e Regina Zilbermann; na de Artes, Evelyn Berg, Clara Pechanski e Marisa Soibelma. Música e Teatro tem a orientação de Eva Sopher, Mirna Spritzer e Herbert Caro, enquanto Ciência e Tecnologia está a cargo de nomes como o do psiquiatra Ovídio Valdemar. Além desses, há ainda Ciências Sociais, onde atuam entre outros, a advogada Marili Berg e o sociólogo Rubens Olivien, e na câmara de Memória e Cultura, o jornalista Jaques Waimberg.

Com esse time na linha de frente, é de se esperar realizações de alto nível. E para viabilizá-las, Abraão Faermann explica que os Instituto vai se valer de convênios com instituições locais, nacionais e estrangeiras. Além disso, Federação e Confederação Israelita do Brasil vão contribuir com verbas, assim como o corpo social, através das mensalidades. Para minimizar os custos, muitos dos eventos promovidos passarão pelo Rio e São Paulo, o que, conforme o diretor-executivo, vai ajudar o "Marc Cha-

gall" a conseguir projeção nacional.

### PROGRAMAÇÃO

Para iniciar suas atividades, o Instituto vai utilizar os espaços culturais disponíveis na cidade; mais tarde, pretende construir uma sede, onde vai se efetivar grande parte dos seus eventos. A sede administrativa está funcionando, em caráter provisório, na Sociedade Israelita do Brasil — SIBRA —, á qual todos os interessados podem se associar. A SIBRA fica na Rua Mariante, 772 e o telefone para contatos é 31-7518. O sócio pagará uma mensalidade ainda não estipulada e terá sempre um ingresso preferencial, com preço especial em todas as promoções.

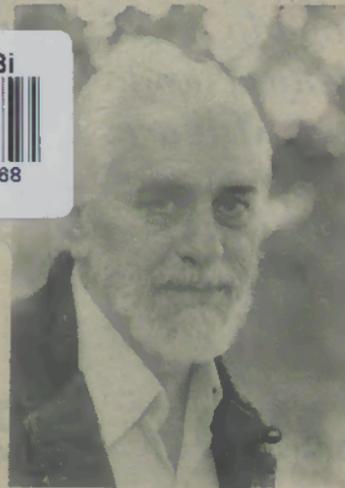
E promoções não vão faltar. Faermann Sobrinho já possui uma lista de eventos para esse ano. Entre eles, um painel sobre direitos das minorias, que acontecerá em junho, no Teatro Renascença, com apoio da Prefeitura, e contará com representantes das comunidades árabe, negra, japonesa e outras. Também está programado um simpósio sobre literatura judaica, coordenado por Moacyr Scliar, com convidados do Rio, São Paulo e Argentina, em maio no Círculo Social Israelita.

Também já estão acertados um concerto da violonista russa de renome internacional, Irina Tseilin, em agosto no Teatro São Pedro; uma exposição de originais do artista plástico Lasar Segall e uma conferência do famoso cardiologista israelense, Asai Appelbaum, considerado o maior especialista do mundo em febre reumática em crianças, que está sendo promovida em conjunto com a FAPERGS (Fundação de Apoio à Pesquisa do RS) e o Instituto de Cardiologia.

Com esses exemplos, Abrãao Faermann procura demonstrar a abrangência do Instituto e reafirmar seu compromisso de contribuir efetivamente com a cultura gaúcha.

## Josué Guimarães

Um grande contador de histórias



"Entrelaçaram as mãos envelhecidas pelo sol, pelo vento, por todos os gestos de carinho de um para com o outro, para com os filhos e os netos, e sentiram juntos que a noite havia chegado". ("Enquanto a noite não chega" — Editora L&PM, 1978).

Quando a L&PM publicou, em 1978, "Enquanto a noite não chega", de Josué Guimarães, a crítica da revista "Isto É" lembrou que, sem resvalar para a morbidez, através de uma narrativa entremeada de momentos de alta poesia e lirismo, o livro retratava todo um clima de solidariedade e de paixão, capaz de suportar todos os dissabores da vida, inclusive a própria morte.

Josué morreu. Mas sua obra está viva para ajudar a suportar todos os dissabores da vida, inclusive a própria morte. Como ele fazia.

A morte do escritor gaúcho, aos 65 anos, vítima de câncer, entristeceu todo o Rio Grande que tão bem se viu refletido em sua obra. Ele foi sepultado no dia 24 de março, no Cemitério João XXIII.

Natural de São Jerônimo, no Rio Grande do Sul, nascido em 1921, Josué iniciou sua carreira como jornalista, no Rio de Janeiro em 1939. De volta a Porto Alegre, foi vereador de 1951 a 1954 e Diretor da Agência Nacional no governo João Goulart. Foi correspondente estrangeiro em 1952 na União Soviética e China pela última Hora e, de 1974 a 1976 em Portugal e na África pela Caldas Júnior.

Sua carreira literária é relativamente curta, uma vez que seu primeiro livro — "Os ladrões" — foi publicado em 1970. A obra mais importante, e a primeira a fazer sucesso, foi publicada dois anos depois: "A Ferro e Fogo — Tempo de Solidão". Era o início de uma trilogia inacabada sobre a saga da colonização alemã no Rio Grande do Sul; o escritor morreu sem concluir "Tempo de Angústia".

Apesar de curta no tempo, sua obra literária é composta por quase 20 livros, incluindo romances, contos, literatura infantil e teatro. Dessa vasta obra, destacam-se: "Tambores Silenciosos", ganhador do 1º Prêmio Érico Veríssimo, em 1975; "É Tarde para Saber" (76); "Enquanto a Noite Não Chega" (78); "Dona Anja" (78); "A Casa das Quatro Luas" (79); "Camilo Mortágua" (80); e os infantis "As Incríveis Histórias do Tio Balduino" (81) e "Meu Primeiro Dragão" (83), entre outros.

Sua atuação política também merece destaque. Josué Guimarães sempre foi solidário com todas as causas que se aproximassem da libertação nacional e do socialismo. Seus livros só fizeram confirmar e perpetuar a sua posição ao lado dos perseguidos por lutarem pelos mesmos objetivos.

Há algum tempo a Rádio Cidade vem anunciando sua liderança na preferência do público das FMs. Essa euforia vem dos índices de audiência que a rádio obteve no mês de janeiro, 26,6%, contra 21,4% da sua maior concorrente, a Atlântida.

Só que olhando um pouco para trás, descobre-se a acirrada luta das duas rádios pela ponta. Durante o ano de 85, por seis meses a Atlântida liderou as listas do Ibope, e no outro semestre esse lugar foi da Cidade. A diferença de audiência em alguns meses foi mínima — em novembro, por exemplo, a Atlântida obteve 24,9% contra 24,8% da Cidade —, deixando as duas rádios com o mesmo público. Na média do ano, a rádio da RBS ganhou a preferência, com 24,87 pontos, contra 24,40.

Entende-se, então, a insistente propaganda da Cidade, que deve confirmar em fevereiro sua pequena vantagem atual (o Ibope de fevereiro ainda não havia sido divulgado até o início de abril). Correndo mais atrás na lista de audiência, está a Ipanema, com 14,6% em janeiro. Depois, com um número bem mais baixo, 7,7% vem a Universal, seguida da Itapema, Bandeirantes, Gualba e Capital.



ANA LUIZA FREITAS

\* Abre uma, fecha outra. Coisas de Porto Alegre. Ao mesmo tempo em que perdemos a "Quarup", uma ótima livreria, ganhamos a primeira de uma rede de livrerias "Mercado Aberto". Ao que parece, a "Mercado" se inspirou nas similares da vizinha Argentina: é numa área espaçosa (mais de 400 metros quadrados); tem cadeiras e mesas para os leitores fazerem suas escolhas tranqüila-

mente; é papelaria e posto de venda de ingressos de shows e peças teatrais; tem painel luminoso informativo na parte externa, com as atividades culturais da cidade e um mural de recados. Além disso, a nova livreria trabalha com cartão de crédito e, em breve, contará com um programa de computação para auxiliar na busca de títulos.

Ao mesmo tempo que Porto Alegre perde o cinema Avenida, ganha o "Coral II" que, embora não tenha a mesma capacidade do primeiro — a previsão é de cerca de 400 lugares — certamente será mais freqüentado. Acontece que o Coral II fica na 24 de Outubro, numa zona de mais fácil acesso para os freqüentadores de cinemas. Será, provavelmente, dia 18 de abril a abertura da nova sala de projeções e o primeiro filme já está anunciado: "Quanto Mais Quente Melhor", de Billy Wilder, com Marilyn Monroe, Jack Lemon e Tony Curtis.

E parece que realmente a censura continua em alta na Nova República. Depois de "Je Vous Salue, Marie" — que qualquer pessoa pode assistir em sessões privê na casa de amigos —, a tesoura resolveu cortar cenas de "Olhares Lânguidos" na novela das oito. As cenas, segundo a censura, insinuavam uma relação "mais séria" entre duas mulheres. Sem maiores contras, a cúpula da Globo acatou a decisão superior. E ninguém mais fala nisso.

Já a área musical tem sofrido maiores traumas com o "extinto" departamento da Justiça. Quatro músicas do primeiro disco dos "Replicantes" foram proibidas pa-

ra radiodifusão. Entre elas, está "Mulher Proibida" e "Censor", esta falando mal do órgão federal. Outro grupo que sofreu o mesmo problema foi o "Capital Inicial". Na música "Varanolo Vascaína" eles dizem "porque pobre quando nasce com instinto assassino, já sabe o que vai ser quando crescer desde menino. Ladrão para roubar, marginal para matar, papai eu quero ser policial quando ou crescer".

Os donos de bares e restaurantes da cidade tinham encontrado um "jeitinho brasileiro" para driblar a Sunab. Na primeira versão do pacote, música ao vivo nesses estabelecimentos liberava o preço das bebidas do rigor das tabelas do governo. Na nova versão, a casa com espetáculo pode cobrar "couvert" artístico, mas as bebidas não podem custar mais do que o preço estabelecido na lista da Sunab. Em qualquer uma das versões, os beneficiados são os músicos que, hoje em dia, podem ser ouvidos até mesmo às cinco da tarde, num bar como o "Luar", ali na Osvaldo Aranha, conforme comentou surpreso um pedestre que por ali passou. Como se vê, o "pacotão" já está mudando os hábitos dos porto-alegrenses.